

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

ALEXANDRE ROBSON DIAS DA SILVA

**A IMAGEM DA CAVERNA DE PLATÃO COMO INSTRUMENTO DE  
CONSCIENTIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

Recife

2025

ALEXANDRE ROBSON DIAS DA SILVA

**A IMAGEM DACAVERNA DE PLATÃO COMO INSTRUMENTO DE  
CONSCIENTIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentado ao PROF-FILO, da  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE,  
como requisito para a obtenção do título de  
Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Ensino de Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Anastácio Borges de Araújo Júnior

Recife

2025

## FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Alexandre Robson Dias da.

A imagem da caverna de Platão como instrumento de conscientização dos estudantes do ensino médio / Alexandre Robson Dias da Silva. - Recife, 2025.

63f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Mestrado Profissional em Filosofia, 2025.

Orientação: Anastácio Borges de Araújo Junior.

Inclui referências.

1. Conhecimento; 2. Sabedoria; 3. Transformação; 4. Política.  
I. Junior, Anastácio Borges de Araújo. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

ALEXANDRE ROBSON DIAS DA SILVA

**A IMAGEM DA CAVERNA DE PLATÃO COMO INSTRUMENTO DE  
CONSCIENTIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentado ao PROF-FILO, na Área de Concentração: Filosofia e Ensino, pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovado em: 28 de janeiro de 2025.

---

Prof. Dr. Anastácio Borges de Araújo Júnior (Presidente - Orientador – UFPE)

---

Prof. Dr. André Gustavo Ferreira da Silva (Examinador externo ao Programa - UFPE)

---

Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa (Examinador interno ao Programa - UFPE)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela inteligência e sabedoria; aos docentes pelo apoio, incentivo e motivação, aos colegas de turma por cada conversa que resultou no processo de ajuda, resolução de dúvidas e as alegrias vividas; a minha esposa e família a meu pai In'memorian pelo suporte diante de todas as dificuldades, obrigado a todos.

## RESUMO

A "Imagem da Caverna", de Platão, é uma alegoria presente em "A República", onde ele descreve prisioneiros acorrentados em uma caverna, vendo apenas sombras projetadas na parede. Essas sombras são a única realidade que eles conhecem. O filósofo relaciona esse processo à educação e à filosofia como formas de libertação, onde a verdade e a justiça podem ser alcançadas por meio da reflexão crítica e do questionamento. A alegoria da caverna ilustra a importância da educação como ferramenta de transformação social e política, incentivando uma participação ativa e consciente na sociedade. Platão defende uma educação que desenvolva a capacidade crítica dos cidadãos e um governo ideal baseado na sabedoria e virtude dos governantes. Este estudo tem como objetivo realizar uma análise detalhada da "Imagem da Caverna" de Platão, explorando seus principais elementos simbólicos e sua relevância filosófica, com o intuito de utilizá-la como recurso pedagógico em aulas que abordam a importância da política como ferramenta de transformação da sociedade. A pesquisa visa destacar a interpretação da alegoria como uma metáfora para a busca do conhecimento e para a conscientização política e social, promovendo o desenvolvimento de uma capacidade crítica nos estudantes. A metodologia adotada foi uma pesquisa bibliográfica com revisão integrativa de literatura, através da coleta de obras que discutem o tema, publicadas em repositórios acadêmicos. A pesquisa focou em artigos originais, escritos em português, publicados recentemente e disponíveis na íntegra. Foram selecionadas 68 produções, das quais 30 foram inicialmente analisadas, e 22 foram utilizadas como base teórica. A pesquisa também inclui uma análise crítica da "Imagem da Caverna" e suas implicações educacionais e políticas. A "Imagem da Caverna" de Platão, ao ilustrar a condição de ignorância e alienação, oferece um modelo poderoso para refletir sobre como a educação pode ser uma ferramenta de libertação intelectual. Platão nos mostra que, para alcançar a verdade, é necessário romper com as ilusões, o que pode ser aplicado tanto no campo filosófico quanto na análise política. A proposta é usar a alegoria como um recurso pedagógico para ajudar os estudantes a refletirem criticamente sobre o papel da educação na formação de cidadãos mais conscientes e ativos, capazes de analisar a realidade política de forma autônoma. A análise da "Imagem da Caverna" demonstra como Platão usa a alegoria para discutir a relação entre educação, política e filosofia. A educação deve ser entendida como um processo transformador, que liberta os indivíduos das sombras da ignorância. Platão sugere que a busca pela verdade exige coragem e reflexão crítica. Além disso, o trabalho destaca a responsabilidade daqueles que atingem o conhecimento de ajudar os outros a se libertarem das suas ilusões. A pesquisa conclui que a "Imagem da Caverna" pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica para fomentar uma educação crítica e reflexiva, que prepare os estudantes para uma participação ativa e responsável na sociedade.

**Palavras-chave:** Conhecimento, Sabedoria, Educação, Transformação.

## ABSTRACT

Plato's "Allegory of the Cave" is a metaphor present in "The Republic," where he describes prisoners chained inside a cave, seeing only shadows projected on the wall. These shadows are the only reality they know. The philosopher relates this process to education and philosophy as forms of liberation, where truth and justice can be achieved through critical reflection and questioning. The allegory of the cave illustrates the importance of education as a tool for social and political transformation, encouraging active and conscious participation in society. Plato advocates for an education that develops the citizens' critical capacity and an ideal government based on the wisdom and virtue of its rulers. This study aims to carry out a detailed analysis of Plato's "Allegory of the Cave," exploring its key symbolic elements and philosophical relevance, with the intent of using it as a pedagogical resource in classes that address the importance of politics as a tool for societal transformation. The research seeks to highlight the interpretation of the allegory as a metaphor for the pursuit of knowledge and political and social awareness, promoting the development of critical capacity in students. The adopted methodology was a bibliographic research with an integrative literature review, collecting works that discuss the theme, published in academic repositories. The research focused on original articles written in Portuguese, recently published, and available in full. 68 productions were selected, of which 30 were initially analyzed, and 22 were used as theoretical basis. The research also includes a critical analysis of the "Allegory of the Cave" and its educational and political implications. Plato's "Allegory of the Cave," by illustrating the condition of ignorance and alienation, provides a powerful model for reflecting on how education can be a tool for intellectual liberation. Plato shows us that in order to achieve the truth, it is necessary to break free from illusions, which can be applied in both the philosophical and political analysis fields. The proposal is to use the allegory as a pedagogical tool to help students critically reflect on the role of education in shaping more conscious and active citizens, capable of analyzing political reality autonomously. The analysis of the "Allegory of the Cave" demonstrates how Plato uses the allegory to discuss the relationship between education, politics, and philosophy. Education should be understood as a transformative process that frees individuals from the shadows of ignorance. Plato suggests that the pursuit of truth requires courage and critical reflection. Moreover, the work emphasizes the responsibility of those who attain knowledge to help others break free from their illusions. The research concludes that the "Allegory of the Cave" can be used as a pedagogical tool to foster critical and reflective education, preparing students for active and responsible participation in society.

**Keywords:** Knowledge, Wisdom, Education, Transformation.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2</b>	<b>IMAGEM DA CAVERNA: INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA</b> .....	14
2.1	ELEMENTOS SIMBÓLICOS NA IMAGEM DA CAVERNA.....	17
2.2	A MENSAGEM DA IMAGEM DA CAVERNA .....	19
2.3	APLICABILIDADE COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA .....	23
<b>3</b>	<b>COMPREENSÃO POLÍTICA E FORMAÇÃO CIDADÃ: PERSPECTIVAS PARA OS ESTUDANTES</b> .....	27
3.1	IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO POLÍTICA SEGUNDO PLATÃO NA FORMAÇÃO CIDADÃ .....	30
3.2	AS IDEIAS POLÍTICAS DE PLATÃO E SUA RELEVÂNCIA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA .....	33
3.3	A EDUCAÇÃO PLATÔNICA E O CURRÍCULO ESCOLAR.....	42
<b>4</b>	<b>INTEERVENÇÃO</b> .....	47
4.1	PARTICIPANTES .....	48
4.2	OBJETIVOS .....	48
<b>4.2.1</b>	<b>Objetivo geral</b> .....	48
<b>4.2.2</b>	<b>Objetivos específicos</b> .....	48
4.3	PROBLEMATIZAÇÃO.....	49
4.4	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INTERVENÇÃO .....	53
4.5	RESULTADO DA INTERVENÇÃO .....	56
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	61
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	62

## 1 INTRODUÇÃO

A Imagem da Caverna é uma narrativa apresentada por Platão no sétimo livro de sua obra clássica “A República”, que é composta por diversos diálogos entre Sócrates e outros personagens que discutem temas como justiça, política, educação e conhecimento. Nesta Imagem, Platão descreve a cena em que prisioneiros estão acorrentados em uma caverna desde seu nascimento, forçados a olharem apenas o fundo da parede da caverna. Eles observam sombras projetadas na parede por meio de uma fogueira que fica por trás deles, essas sombras são a única projeção da realidade a qual eles têm acesso, enquanto permanecem presos.

Platão, então, descreve como um dos prisioneiros, após se libertar das correntes e grilhões, passa por um doloroso processo de adaptação, mediado pelos lugares mais escuros, passando pelo reflexo das coisas até conseguir olhar as coisas iluminadas pelo sol e o próprio sol. No início, ele fica confuso e sente desconforto com a nova realidade. Por isso, vai, gradualmente, percebendo que as sombras são representações imperfeitas da realidade. A medida em que ele vai se dirigindo a saída da caverna, vai sendo exposto ao sol, que nesta imagem, representa a verdadeira fonte de conhecimento e sabedoria. Essa exposição à luz, inicialmente, se torna desconfortável e lhe causa cegueira temporária, mas seus olhos vão, eventualmente, se ajustando a luz e o deixando em condições de contemplar a luz do sol diretamente e assim perceber a realidade sobre as coisas, a verdadeira essência das coisas:

Depois disto – prosseguido eu – imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência. Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta. estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; - lhes dê iluminação um fogo que se queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; 'coloca diante do público, para mostrar suas habilidades por cima deles (Platão, 2005, p. 315).

Ao retornar à caverna, com a finalidade de libertar seus companheiros, o prisioneiro liberto encontra resistência e incredulidade em seus amigos, pois estes se recusam a acreditar nas revelações do liberto, preferindo permanecerem na escuridão confortável das sombras da ignorância e do desconhecimento.

Dentre as muitas interpretações dadas a esta imagem, este estudo destaca a interpretação de diversos estudiosos que discutem sobre como esta narrativa sugere que alcançar a verdade e o conhecimento requer esforço e coragem para que possamos romper com as ilusões e as concepções errôneas que limitam nossa realidade. Entre esses estudiosos estão: Ribeiro, 2019;

Nunes, 2016; Miranda *et al.*, 2020; Fernandin, 2020; Viana ; Loureiro, 2018; Gonçalves ; Birkner, 2015 e outros.

Essa interpretação dada a esta imagem de Platão é importante porque ressalta a jornada humana em direção ao conhecimento e à verdade como um processo transformador que exige esforço, coragem e, muitas vezes, sofrimento. Nesta imagem, Platão ilustra que o processo de adaptação a luz é longo e doloroso. Esse simbolismo destaca que o conhecimento não é algo que se recebe passivamente; é preciso determinação para superar os desafios que se apresentam no caminho.

– Portanto, se alguém o forçasse a olhar para a própria luz, **doer-lhe-iam** os olhos e voltar-se-ia, para buscar refúgio junto dos objetos para os quais podia olhar, e julgaria ainda que estes eram na verdade mais nítidos do que os que lhe mostravam?

– Seria assim – disse ele.

– E se o arrancassem dali à força e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até à luz do Sol, não seria natural que ele se **doesse** e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois de chegar à luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objetos? (Platão, 2020, p. 317).

Além disso, essa interpretação enfatiza o papel da filosofia e da educação como ferramentas de libertação. O "romper das ilusões" simboliza a emancipação intelectual, em que o indivíduo deixa de aceitar crenças infundadas e busca compreender a realidade em profundidade. Essa ideia é poderosa, pois sugere que, ao questionar e refletir criticamente sobre o que consideramos verdade, somos capazes de alcançar uma compreensão mais profunda de nós mesmos e do mundo.

A importância dessa interpretação se estende também ao aspecto social: Platão sugere que aqueles que alcançam o conhecimento têm uma responsabilidade ética de ajudar outros a se libertarem das suas ilusões. Mesmo sabendo que essa tarefa pode ser ingrata ou perigosa, como é ilustrado pelo destino do prisioneiro que tenta retornar à caverna, Platão reforça a necessidade de transmitir a sabedoria conquistada.

– E se lhe fosse necessário julgar daquelas sombras em competição com os que tinham estado sempre prisioneiros, no período em que ainda estava ofuscado, antes de adaptar a vista – e o tempo de se habituar não seria pouco – acaso não causaria o riso, e não diriam dele que, por ter subido ao mundo superior, estragara a vista, e que não valia a pena tentar a ascensão? E a quem tentasse soltá-los e conduzi-los até cima, se pudessem agarrá-lo e matá-lo, não o matariam?

– Matariam, sem dúvida – confirmou ele (Platão, 2005, p. 319).

Portanto, essa interpretação da imagem da caverna é importante porque nos convida a refletir sobre o valor da busca pelo conhecimento, a coragem necessária para enfrentar as verdades desconfortáveis, e a responsabilidade de compartilhar esse conhecimento com os outros para contribuir para uma sociedade mais esclarecida e justa.

Matheus Barbosa Ribeiro explica que nesta imagem

o filósofo reuniu de forma precisa a sua concepção filosófica, pedagógica e política que se resume na saída do homem das trevas da ignorância em direção à luz do Bem. A importância dessa cena construída pelo filósofo no contexto do livro VII d'A República consiste no seu poder de sintetizar os principais pontos de sua teoria político-pedagógica e de ilustrar com clareza a função e a natureza da Filosofia (2019, p.102).

Platão destaca, com esta imagem, a importância do conhecimento, da sabedoria, da educação e da filosofia, como meios de libertação para as mentes das pessoas, conduzindo-as em direção à compreensão da realidade segundo suas próprias experiências. Para isso é importante ressaltar dois trechos da obra platônica:

Meu caro Gláucon, este quadro – prolongado eu – deve agora aplicar-se a tudo o que dissemos acima, comparando o mundo visível através dos olhos à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existiu à força do Sol. Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se a tomares como a ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás a minha expectativa, já que é teu desejo conhecê-la. Entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a ideia do Bem e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo; ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se sentir sensato na vida particular e pública (Platão, 2005, p. 319)<sup>1</sup>.

A educação seria, portanto, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão, pois já a tem, mas, uma vez que ele não está na posição correta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso (Platão, 2005, p. 321)<sup>2</sup>.

Para Matheus Barbosa Ribeiro a difícil jornada que o indivíduo enfrenta ao ascender em direção a saída da caverna destaca o papel fundamental da filosofia na educação, que é libertar o homem e promover sua autonomia diante das limitações da ignorância.

Segundo o referido comentador,

Superar a condição de indignidade, aprisionamento, cegueira, é a grande realização dos homens e deve ser a tarefa primordial da educação. Não há

<sup>1</sup> Trecho em que Sócrates explica a Gláucon a importância da ideia do Bem, representando-a como o auge do conhecimento e a fonte da verdade e da justiça.

<sup>2</sup> Trecho que faz referência a concepção de Platão sobre a educação como um processo que orienta a alma a olhar na direção correta, facilitando o acesso ao verdadeiro conhecimento.

função mais sublime do que aquela que é capaz de proporcionar aos homens a sua liberdade, a sua visão e restaurar a sua dignidade (Ribeiro, 2019, p.103).

Esse trabalho de pesquisa propõe uma análise minuciosa a respeito desta narrativa para utilizá-la como recurso pedagógico em aulas que visam abordar a importância da política como ferramenta de transformação da sociedade. Dessa forma, a finalidade desta dissertação é realizar um exame detalhado da Imagem da Caverna de Platão, destacando seus principais elementos simbólicos e sua relevância filosófica, abordando os conceitos de sombras, luz, prisioneiros, filósofo e mundo exterior, com o objetivo de compreender profundamente a mensagem transmitida por Platão. Esta pesquisa também tem como objetivo, discutir como a Imagem pode ser utilizada como ferramenta para promover a conscientização e formação política, explorando as possíveis analogias entre a situação dos prisioneiros na caverna e a realidade política contemporânea, destacando a importância da busca pela verdade e pelo conhecimento para uma participação ativa na sociedade.

Além disso, o trabalho visa destacar a questão da ética no contexto da política em Platão, com o propósito de desenvolver no estudante a capacidade crítica de analisar a sociedade em que vive, inspirando-se na ideia de buscar pela verdade transmitida pela imagem platônica. Pretende-se mostrar que não é necessário escolher um lado político ou aderir à polarização presente no mundo atual; o foco é permitir que o estudante perceba sua própria autonomia e autossuficiência nas opiniões políticas, compreendendo que ele pode ser o “salvador” de si mesmo e de sua comunidade, pois isso constitui a essência da cidadania. Dessa forma, a Imagem da Caverna torna-se um método de ensino aplicado como uma mola propulsora de uma nova forma de fazer educação – uma educação crítica e reflexiva, que coloca o estudante como protagonista de seu conhecimento e transformador ativo de sua realidade social.

De acordo com Matheus Barbosa Ribeiro (cf. 2019), o estudo acerca da Imagem da Caverna, é possível explorar a relação existente entre política e educação no pensamento de Platão e compreender como essa relação se estabelece, sua finalidade, seu impacto, sua relevância no debate educacional. A análise desta imagem pode desempenhar um papel central neste propósito, pois é nela que convergem as ideias de Platão sobre educação, política e filosofia, fazendo surgir reflexões transcendente do tempo, tornando-a cada vez mais uma fonte rica de significados.

Esta pesquisa também visa apresentar os desafios e as potencialidades de utilizar a Imagem da Caverna como recurso educacional para abordar questões políticas, refletindo sobre estratégias pedagógicas que podem engajar os estudantes na reflexão sobre política, levando em consideração o contexto educacional atual e os objetivos de formação cidadã e crítica. Este

estudo será fundamentado na seguinte questão: qual a intenção de Platão ao falar da imagem da caverna? Qual seu propósito no aspecto político? Para compreender que ao descrever a imagem da caverna em “A República”, Platão envolve aspectos filosóficos, educacionais e políticos. Mas, dentro do contexto político, a imagem pode ser vista como uma crítica ao Estado e a sociedade, como uma proposta para aprimorar a governança e a educação dos cidadãos.

A Imagem da Caverna se revela como um texto que evidencia a habilidade do filósofo e escritor Platão em construir um diálogo com Sócrates e outros interlocutores em diferentes abordagens dialógicas, podendo proporcionar perspectivas variadas que se complementam, interagem e raramente permitem uma interpretação definitiva, pois existem diversas formas de interpretar esta imagem. Recursos pelo qual Platão recorreu para refletir de forma política sobre a importância da busca pela verdade, como este tema é muito completo, Platão recorreu a imagem como uma forma mais delicada de explorar conceitos como verdade, realidade e conhecimento, sendo capaz de provocar uma interpretação diversificada em cada leitor, embora possa também impactar de forma emocional, este recurso oferece um convite reflexivo subjetivo e dialético para a descoberta da realidade.

O procedimento metodológico adotado nesta pesquisa foi uma pesquisa bibliográfica para uma revisão integrativa de literatura a partir da coleta de obras que abordam o tema e estão publicadas em sites e repositórios acadêmicos. Contemplando os seguintes descritores: Imagem da Caverna; Educação; Filosofia; Conscientização; Política. Foi possível encontrar diversas obras. Após o levantamento de dados a serem analisados, foram identificadas 68 produções, destas, 30 foram selecionadas para leitura prévia, por estarem dentro dos critérios de inclusão: Artigos originais, confeccionados na língua portuguesa, publicados recentemente e disponíveis na íntegra com aspecto quantitativo e qualitativo. Os critérios de exclusão foram: textos incompletos, teses, dissertações, cartas ao leitor, protocolos e artigos que não estivessem disponíveis na íntegra on-line. Dessa forma, apenas 22 foram lidos na íntegra e utilizados como base teórica neste estudo.

Com esta pesquisa pode compreender como a Caverna representa a condição de ignorância e alienação de muitas pessoas, que vivem sem questionar a realidade que lhes são apresentadas. Essas pessoas são os prisioneiros acorrentados, observando as sombras projetadas na parede, aceitando passivamente as crenças e os valores que são transmitidos pela classe dominante, sem questionar ou buscar um conhecimento mais profundo. O prisioneiro que sai da caverna e retorna para libertar os prisioneiros pode representar a figura de alguém, que pode ser um educador, um governante, um sábio, que busca iluminar a mente das pessoas e guiá-la em direção a verdadeira compreensão da realidade (Nunes, 2016, p.2). Assim, podemos ver que

toda educação é uma transmissão de cultura e seus valores, mas, também, complementa-se numa crítica a essa própria cultura, num avanço crítico aos nossos valores e modos de ser.

Platão pode nos levar a entender como a educação é um meio de desenvolver esse aspecto crítico dos cidadãos, capacitando-os a participarem ativamente da vida política e social. Dessa forma, sua imagem sugere a necessidade de uma liderança política que tenha sabedoria e virtude, para combater a tirania da opinião pública manipuladora e a ação dos líderes corruptos. Assim, Platão defende que uma cidade ideal, governada por um rei filósofo, cujo conhecimento e justiça o capacita a governar para o bem comum, pode encontrar o equilíbrio entre as classes sociais e promover a harmonia e a estabilidade social (cf. Miranda *et al*, 2020).

Essa imagem chama a reflexão sobre o papel da política na busca pela verdade, justiça e virtude na sociedade, inspirando cidadãos a buscarem por uma governança que promova a educação, libertação intelectual e o bem-estar de todos os cidadãos, visando criar uma sociedade melhor, isto é, mais justa, equitativa e consciente.

## 2 IMAGEM DA CAVERNA: INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA

Para iniciar a análise e a interpretação da imagem da caverna de Platão, é importante apresentar uma rápida reconstrução da narrativa:

Esta Imagem, apresentada na obra *A República*, é uma metáfora poderosa sobre o conhecimento, a realidade e a ignorância. Na narrativa, Platão descreve um grupo de prisioneiros que estão acorrentados dentro de uma caverna desde o nascimento. Eles estão voltados para a parede, incapazes de ver o que está atrás deles. Atrás dos prisioneiros, há um fogo e, entre o fogo e eles, outras pessoas carregam objetos que projetam sombras na parede da caverna. Para os prisioneiros, essas sombras são a única realidade que conhecem.

Um dos prisioneiros, no entanto, consegue se libertar e, ao sair da caverna, é exposto à luz do sol. No início, ele fica desorientado, conforme o trecho abaixo:

II - E no caso de o forcarem a olhar para a luz, não sentiria dor nos olhos e não correria para junto das coisas que lhe era possível contemplar, certo de serem todas elas mais claras do que as que lhe então apresentavam? Isso mesmo, disse. E agora, perguntei: se o arrastassem à força pela rampa rude e empinada e não o largassem enquanto não houvessem alcançado a luz do sol, não te parece que sofreria bastante e se revoltaria por ver-se tratado daquele modo? E depois de estar no claro, não ficaria com a vista ofuscada, sem enxergar nada do que lhe fosse, então, indicado como verdadeiro? (Platão, 2005, p.316)

Mas aos poucos percebe a verdadeira realidade: o mundo fora da caverna, cheio de cores, formas e seres vivos, muito além das sombras que ele acreditava serem a única verdade.

Ao retornar à caverna para contar aos outros prisioneiros sobre o mundo real, ele é ridicularizado e rejeitado, e para dar uma ênfase a tragédia, vale destacar que Platão sugere que o prisioneiro, agora filósofo, não enfrentou apenas esse escárnio, mas um risco de morte, na tentativa de mostrar aos prisioneiros a existência de uma realidade além das sombras ele desafia tudo e a todos e tem a sua segurança ameaçada.

Para aqueles que nunca saíram da caverna, as sombras são a única verdade, e qualquer tentativa de questionar essa realidade é vista como um ataque ao mundo que eles construíram. Assim, o filósofo se torna uma figura perigosa, um subversivo que tenta desestabilizar a ordem e expor o desconhecido. A incompreensão e o medo levam os prisioneiros a rejeitarem-no, mas, em sua resistência à mudança, eles decidem eliminá-lo para preservar sua “realidade”, pois os que permanecem na caverna estão tão acostumados às sombras que não conseguem entender ou aceitar que existe uma realidade além delas.

Conforme o trecho a seguir:

- E se lhe fosse necessário julgar daquelas sombras em competição com os que tinham estado sempre prisioneiros, no período em que ainda estava ofuscado, antes de adaptar a vista – e o tempo de se habituar não seria pouco – acaso não causaria o riso, e não diriam dele que, por ter subido ao mundo superior, estragara a vista, e que não valia a pena tentar a ascensão? E a quem tentasse soltá-los e conduzi-los até cima, se pudessem agarrá-lo e matá-lo, não o matariam?
- Matariam, sem dúvida – confirmou ele (Platão, 2005, p. 319).

Essa imagem simboliza o processo de iluminação intelectual e filosófica. A caverna representa a ignorância e as sombras, as ilusões e percepções limitadas. O prisioneiro que se liberta simboliza o filósofo, aquele que busca o conhecimento e a verdade além das aparências, enquanto a luz do sol representa a verdade e a sabedoria suprema. Platão usa essa narrativa para ilustrar a dificuldade e a resistência encontradas quando alguém tenta alcançar e compartilhar o conhecimento verdadeiro.

A obra *A República* tem este título por uma influência romana, a palavra república significa “coisa” rés “pública” pública, ou seja, *coisa pública*, neste sentido, a melhor forma de abordar a obra seria a partir do termo grego *Politéia* (πολιτεία)<sup>3</sup>, trazendo a ideia daquilo que diz respeito à pólis, à cidade, seus cidadãos e sua constituição de normas, cidade com autonomia, com regras e normas próprias, subordinadas a um poder constituído por representantes que, na sua época democrática era escolhido por cidadãos livres.

Na sua célebre obra *A República*, Platão introduz uma metáfora poderosa empregando a palavra "imagem" para se referir às sombras observadas pelos prisioneiros. Aquilo que os prisioneiros veem e interpretam como realidade não passa, na verdade, de uma mera imagem, uma representação distorcida e limitada do verdadeiro mundo exterior. As imagens são, assim, símbolos das realidades aparentes que produzem ilusão e da ignorância que permeiam a vida dos prisioneiros na caverna. Conforme Lyvia da Silva Manhães (2023, p. 8) “já no século IV a.C, o filósofo Platão conseguia identificar a metáfora como um recurso linguístico rico que poderia ser utilizado como imagem e comparação, a partir da vida cotidiana”.

No entanto, é importante ressaltar que o termo "alegoria", tal como é entendido hoje, foi uma concepção posterior à época de Platão. A palavra "*allegoria*" tem origens no grego antigo,

---

<sup>3</sup> O termo grego que corresponde ao conceito de "república" é πολιτεία (politeía) que se refere a organização ou constituição de uma cidade-Estado (polis), abrangendo as leis, os direitos dos cidadãos, a forma de governo e a maneira como o poder era distribuído. Platão, em sua obra *A República* (cujo título original em grego é Πολιτεία), usa esse termo para discutir o conceito de uma cidade ideal governada por princípios de justiça e sabedoria.

mas seu uso no sentido de uma narrativa figurativa ou simbólica para expressar uma ideia mais abstrata ou complexa só foi desenvolvido mais tarde, na literatura e na teoria literária. Portanto, embora a alegoria da caverna seja frequentemente descrita como tal nos dias de hoje, é um termo moderno que serve para categorizar a forma de narrativa utilizada por Platão em sua obra.

Diante da compreensão do temática ética e política sobre “A Imagem da Caverna”, termo que poderá ser usado para fazer alusão ao Livro VII de *A República* de Platão, onde geralmente é citada como “mito”, “analogia”, “metáfora” ou “alegoria” da caverna, será usada a palavra *imagem* ao invés de *mito* ou *alegoria*, pois na obra de Platão, dentro de sua temporalidade e cronicidade, não existe uma referência ao termo alegoria, do grego “*allegoria*” que seria algo como “dizer através do outro”, ou seja, falar sobre uma coisa, mas se referir a outra, pois este é um termo que tem uma construção posterior, e o não uso do termo mito, pois ele é também um compreensão estabelecida bem depois da cristalização deste conceito (cf. Manhães, 2023).

Lyvia da Silva Manhães explica:

Platão não usa o termo retórico *μεταφορά* e não há nenhum termo separado nos diálogos para metáfora como distinto de outros tipos de imagem e comparação. Ao invés disso, Platão usa a expressão *eíkon* (figura, imagem) como um termo geral para imagens, comparações e semelhanças, ao lado de outros termos mais específicos como *ὁμοίωσις* (semelhança, comparação) e *εἶδωλον* (figura; ídolo) (2023, p. 8).

A compreensão mitológica é um olhar onde seu *locus* está deslocado de sua compreensão temporal, o mito passa pelo estabelecimento de arquétipos de modelos, padrões de comportamento associado a determinados papéis sociais dentro de várias culturas, assim como não é adequado usar o termo arquétipo, que é um termo da psicologia para se referir a uma compreensão anterior descolado no espaço histórico quando não se havia essa percepção.

Em sua narrativa, Platão utiliza uma imagem para ilustrar sua teoria sobre a natureza do conhecimento e da realidade, argumentando que as sombras na parede representam a percepção sensorial limitada das pessoas a respeito da realidade, enquanto a saída da caverna e a visão do mundo exterior simbolizam o processo de educação e filosofia que leva a compreensão das formas ou ideias universais e a verdadeira realidade. Dessa forma, a Imagem da Caverna é uma metáfora poderosa que pode ser interpretada de várias maneiras ao longo dos séculos e continua sendo uma das obras mais importantes de Platão, para a filosofia ocidental.

Este tópico tem como finalidade principal, realizar uma análise detalhada da Imagem da Caverna, destacando seus principais elementos simbólicos e sua relevância filosófica,

abordando os conceitos de sombras, luz, prisioneiros, filósofo e mundo exterior, com o objetivo de compreender profundamente a mensagem transmitida por Platão.

## 2.1 ELEMENTOS SIMBÓLICOS NA IMAGEM DA CAVERNA

Os elementos principais que constituem a *Imagem da Caverna*, são: as sombras, a luz, o prisioneiro que se liberta, os prisioneiros que permanecem presos e o mundo exterior e a fogueira. Com isso, pode-se compreender que as sombras representam a percepção enganosa que se tem da realidade, aquilo é só percebemos pelos nossos sentidos, mas que não corresponde verdadeiramente a realidade das coisas. A luz simboliza a fonte de conhecimento e a verdade, que está além da nossa percepção sensorial, que ilumina a mente dos indivíduos para que estes passem a enxergar a realidade como ela verdadeiramente é (cf. Nunes, 2016).

A fogueira representa o elemento de luz artificial dentro da caverna, projetando as sombras que os prisioneiros veem na parede, criando uma realidade distorcida, uma ilusão que engana os sentidos e que impede os prisioneiros de veem além das aparências. Podendo fazer, de forma metafórica, referência as manipulações, as meias verdades, as informações parciais que influenciam a percepção das pessoas a respeito da realidade, sendo hoje, por exemplo, a mídia ideológica, as redes sociais, as propagandas e os veículos simbólicos que controlam e moldam a percepção coletiva da realidade de forma superficial.

Nayara Cristina Pereira Nunes explica alguns desses elementos:

O primeiro estágio, no interior da caverna (mundo subterrâneo), se dá onde os prisioneiros estão todos acorrentados e olhando somente para a frente, quando enxergam as sombras dos objetos e das pessoas que passam pelo caminho atrás deles. É uma “proximidade que impõe distância”, pois apesar de estarem em contato com as sombras, estão distantes do sentido delas, ou seja, a caverna pode ser interpretada como uma periferia (distante do centro). A caverna é dotada de um jogo de luz e sombra onde há uma tensão entre as duas. A sombra tem o poder de iludir através da luz, que possibilita o real, mas também dissimula. Esse jogo de luz e sombra gera nos prisioneiros a morada em um ambiente caracterizado como a não-verdade, podendo assim considerar que o mundo da caverna não é falso, é uma parte da realidade (2016, p.2).

Os prisioneiros refletem a condição da maioria das pessoas na sociedade, que estão presas em sua ignorância e limitadas as suas percepções sensoriais, sem questionarem ou buscarem conhecimento mais profundo. O prisioneiro liberto é o filósofo, representa aquele que busca a verdade e a sabedoria, que é capaz de sair da caverna da ignorância e guiar os outros em direção à luz do conhecimento. O mundo exterior, por sua vez, é a verdadeira realidade, que

vai além das aparências enganosas da caverna, onde as formas puras e ideais existem independentemente da percepção humana.

Com isso vale destacar o que Jairo Ferrandin afirma:

A situação dos prisioneiros na caverna reflete outro dado fundamental que é a falta de experiência e de relação deles com eles mesmos e deles uns com os outros. Os aprisionados não se percebem a si próprios da mesma forma que eles não percebem as sombras dos objetos como sombras. Encontram-se ausentes, com o olhar e a escuta diretamente voltados para os entes que vem ao seu encontro (2020, p.145).

Essa narrativa de Platão é uma das metáforas filosóficas mais significativa, por sua profundidade e essência ao abordar a questão da realidade, do conhecimento e da ignorância, descrevendo prisioneiros acorrentados em caverna, sombras projetadas nas paredes pela iluminação de uma fogueira. Essa distinção entre realidade aparente e realidade verdadeira, que é o centro da imagem, tem na parede da caverna a representação do mundo sensível, percebido pelos sentidos, sujeito ao erro e à ilusão. O mundo sensível é o mundo da mera aparência, uma cópia imperfeita da realidade, que só pode ser compreendida por meio da razão, da reflexão filosófica.

Jairo Ferrandin também faz uma reflexão importante sobre a metáfora:

A liberdade ocorre na parte exterior da caverna, concomitante a mudança de atitude do ser humano. Tal mudança se processa em ritmo lento e contínuo, em consonância como que exige o processo adaptativo. Para ultrapassar os diversos degraus e alcançar a liberdade, exige-se do homem coragem e persistência. Ele precisa empenhar para enfrentar a tendência de retroceder ao lugar confortável de onde partiu. O homem precisa se familiarizar com o que existe fora do espaço da claridade e com a luz. Menos com as coisas. A reeducação consiste em orientar a visão (comportamento) para o que é similar ao já existente na caverna. Por isso, o prisioneiro se volta para as imagens refletidas por não compreender a luz e o sol. Vê-se melhor a lua e as estrelas, visíveis à noite, como forma de aproximação à luz amortecida (2020, p.147).

Platão utiliza a *imagem* da Caverna para ilustrar como os seres humanos podem viver em estado de ignorância, aceitando a realidade sem questioná-la, vivendo acorrentado nela, forçado a olhar para as sombras, sendo uma metáfora para as pessoas que aceitam passivamente o conhecimento superficial e as opiniões comuns e a banalidade do senso comum, sem buscar um entendimento mais profundo sobre as coisas e os fenômenos que os cercam (cf. Ferrandin, 2020).

Essa metáfora está relacionada a teoria das formas de Platão, que postula a existência de um mundo de formas e ideias eternas, que são as verdadeiras realidades por trás das aparências sensíveis, nesse contexto, vale salientar que o mundo exterior, iluminado pelo Sol,

representa o reino das formas, o sol em particular, simboliza a forma do bem, que segundo Platão, é a fonte última de verdade e conhecimento e esse conhecer é um ato de libertação:

Deve, portanto, cada um por sua vez descer à habitação comum dos outros e habituar-se a observar as trevas. Com efeito, uma vez habituados, sereis mil vezes melhores do que os que lá estão e reconheceréis cada imagem, o que ela é e o que representa, devido a terdes contemplado a verdade relativa ao belo, ao justo e ao bom. E assim teremos uma cidade para nós e para vós, que é uma realidade, e não um sonho [...]. (Platão, 2020, p. 320).

Com esta narrativa pode-se entender que o conhecimento verdadeiro não é obtido por meio dos sentidos, mas através da razão, da compreensão intelectual das coisas, o processo de libertação do prisioneiro e a sua saída da caverna representam a jornada filosófica em direção ao conhecimento, o processo de iluminação que permite ao indivíduo ver além das aparências e compreender a realidade das coisas.

## 2.2 A MENSAGEM ATRAVÉS DA IMAGEM

A Imagem da Caverna, dita aqui como a *Imagem* da Caverna, nos lembra a importância de valorizar o pensamento crítico e a busca incessante pelo conhecimento verdadeiro, com essa imagem, Platão consegue reunir várias questões filosóficas fundamentais sobre as aparências e a realidade, o conhecimento e a ignorância, sendo muito relevante para a filosofia. Para nós, que vivemos 2.500 anos depois de Platão, sua mensagem parece abrangente, pode se referir a informações aparentes e enganosas, na sociedade digital, pode se referir às fakenews, a manipulação midiática e superficial.

Para Matheus Barbosa Ribeiro (cf. 2019) a narrativa platônica da Caverna é uma obra que apresenta grande destaque quando o assunto de filosofia é colocado em questão. Pois a narrativa do homem que se liberta das sombras atrai atenção a questão da ignorância, da vulnerabilidade diante da manipulação... atravessando séculos e se estabelecendo ainda hoje como uma literatura de referência para diversas reflexões filosóficas.

Essa analogia desafia a compreensão que se tem sobre a realidade do mundo ao nosso redor, propondo que as pessoas percebam essa realidade além dos sentidos que pode não ser uma fonte confiável de verdade. Na caverna, os prisioneiros veem apenas sombras de objetos reais, projetadas nas paredes com a ajuda de um fogo. Essas sombras representam uma realidade aparente, pois a verdadeira natureza dos objetos só poderá ser compreendida se os prisioneiros saírem da caverna e enxergarem a luz do Sol.

A Imagem aborda questões centrais da epistemologia, o estudo do conhecimento, ilustrando a diferença entre opinião (*doxa*) e conhecimento verdadeiro (*episteme*). As ideias e opiniões dos prisioneiros na caverna são baseadas em percepções sensoriais enganosas, mas o prisioneiro que se liberta e sai da caverna, alcança o conhecimento verdadeiro ao ver o mundo real sob a luz do Sol. Esse processo de iluminação simboliza a possibilidade de uma jornada filosófica em busca da verdade, que envolve questionar as aparências e buscar uma compreensão mais profunda, valorizando o pensamento crítico na superação da ignorância.

Conforme o que Platão afirma acerca da importância de compreender a verdadeira natureza da educação ou da realidade em que vivemos:

– Temos então – continuei eu – de pensar o seguinte sobre esta matéria, se é verdade o que dissemos: a educação não é o que alguns apregoam que ela é. Dizem eles que introduzem a ciência numa alma em que ela não existe, como se introduzissem a vista em olhos cegos (2020, p. 320).

A Imagem da Caverna também impactou a cultura ocidental em outras áreas, como a literatura, o cinema, as artes, sendo utilizada como tema central ou como conteúdo a ser explorado de diversas perspectivas, a respeito da realidade e da ilusão. Como nas obras "1984" de George Orwell, "The Matrix" dos Wachowski e "A Ilha" de Aldous Huxley são exemplos de como a imagem de Platão continua a ressoar na cultura contemporânea, com a ideia de que a educação e o pensamento crítico são caminho para a libertação intelectual, permeando também as teorias educacionais modernas, que enfatizam a importância do questionamento, da reflexão e do pensamento crítico, que busca analisar as coisas além da aparência.

A mensagem dessa metáfora ressoa profundamente na filosofia e cultura ocidental de forma muito relevante, tendo um chamado tão urgente, hoje, quanto foi na Grécia Antiga. A capacidade de diferenciar o que parece ser verdade e o que realmente é verdade é fundamental em diversos aspectos da vida moderna, desde a política, a ciência, a vida cotidiana. A mensagem de Platão continua a nos inspirar a questionar, investigar e buscar uma compreensão mais profunda sobre o mundo que nos cerca, pois “o mito da caverna, criação de Platão, é de suma importância para a compreensão do processo de formação do ser humano” (Nunes, 2016, p.1).

Matheus Barbosa Ribeiro (cf. 2019) traz uma reflexão importante sobre a mensagem sobre liberdade que esta imagem da Caverna de Platão traz, pois no âmbito educacional existe uma diversidade de perspectiva a respeito da liberdade, sendo este um assunto muito discutido pela filosofia ocidental, com questionamentos sobre os limites da liberdade e sua relação com a responsabilidade, inspirando diversas áreas da vida humana. Para Platão, com sua imagem, fica evidente entender que a educação tem relação com a liberdade, pois a Paideia platônica

subsiste na liberdade e se realiza na potencialidade de cada indivíduo. “O ser só aprende de fato se é livre e, uma vez liberto, está apto para aprender mais” (Ribeiro, 2019, p.121).

Conforme Matheus Barbosa Ribeiro

Daquele contexto de alienação à qual estava submetido o homem nas profundezas das trevas da caverna, ele adquire uma nova disposição que é possível ser encarada como uma —tomada de consciencial, isto é, um reconhecimento de sua deplorável condição de ignorância. Ele se transforma em um sujeito capaz de autonomia crítica, isto é, capaz de fazer os juízos por si e não os receber prontos tais como as sombras dos objetos projetados na parede da caverna. A dialética acontece como um processo de aquisição e construção da autonomia, pois o sujeito é cada vez mais autônomo em seu pensar e, conseqüentemente, no seu agir: Eis o efeito ético dessa relação entre educação e liberdade dentro do pensamento platônico (2019, p.122).

Em um mundo atual que é constantemente inundado de informações e mídias sociais, onde a manipulação e as *fakenews* são comuns, a habilidade de distinguir entre a aparência e a realidade é algo fundamental, por isso, a imagem de Platão serve como um lembrete poderoso da importância de buscar a verdade além das aparências superficiais e de cultivar uma mente crítica e inquisitiva. Matheus Barbosa Ribeiro propõe que esta libertação seja ética na medida em que deva ser uma questão cognitiva que inspire mudanças de atitudes, virada da existência, como uma conversão a uma nova direção:

É possível compreender nesse —fazer dar a volta o sentido de conversão, mudança de direção daquela capacidade de aprender que outrora estava voltada ao cativeiro das ilusões. Sócrates propõe que ensinar é, antes de qualquer coisa, uma forma de orientar a alma para o que de fato é a verdade. Mais do que transmiti-la, é preciso —dar-lhe os meios para fazer voltar os olhos da alma para a Verdade, produzindo uma completa virada do indivíduo, tornando-o capaz de se orientar para a saída libertadora (2019, p.123).

Atualmente, as redes sociais, os noticiários de tv e rádio e outras formas de mídias, em sua maioria das vezes, filtram e moldam a informação de maneira que podem distorcer a realidade, assim como os prisioneiros que viam as sombras como representação distorcida da realidade, os consumidores dessas mídias geralmente aceitam passivamente essas informações sem questioná-las ou verificá-las criticamente.

O fenômeno das Fake News e da manipulação midiática destaca a necessidade urgente de pensamento crítico, por isso é preciso ter habilidade para distinguir os fatos das opiniões, a realidade da distorção. A imagem de Platão nos alerta sobre o perigo de aceitar as informações sem questionamento, incentivando a postura crítica e analítica diante das coisas. Nesse contexto, a educação tem o papel fundamental de contribuir com o processo de libertação das pessoas em busca do conhecimento verdadeiro, é o meio pelo qual os indivíduos podem se

libertar das correntes e dos grilhões da ignorância e alcançar uma compreensão mais profunda sobre o mundo.

A crítica ao sistema educacional tradicional que enfatiza a memorização e a reprodução de informações ao invés do pensamento crítico e da análise independente tem relação com a imagem de Platão, pois a verdadeira educação deve levar os indivíduos a questionarem, investigar e buscar o conhecimento além das aparências superficiais. Para Platão educar não é dar olhos para quem é cego (cf. Platão, *República*, 518 c), mas mostrar para onde se deve olhar, a virada do olhar significar fazer ver o outro e a metáfora da caverna tem o sentido de fazer ver .... Hoje, as informações estão amplamente disponíveis, mas nem sempre são confiáveis, por isso a habilidade de pensar criticamente se faz muito necessária.

Matheus Barbosa Ribeiro justifica que

Um dos aspectos que chamam a atenção na referida alegoria é o entendimento da relação entre conhecimento e liberdade. O conhecimento que produz a autonomia do sujeito é a grande percepção do filósofo. Platão não pretende formar seguidores ou alunos que repitam as opiniões dos mestres, mas que sejam capazes de trilhar o caminho por si. Há de se considerar a grandeza dessa formulação, pois, em muitos casos, sobretudo na sofística, é possível notar certo apego à imagem de quem ensina. No caso, a Paideia platônica não é a busca por assemelhar-se ao mestre, é, antes, um caminho para a Verdade, para o conhecimento verdadeiro que só é possível alcançar de forma individual (2019, p. 103).

Dentro dessas discussões sobre educação, também é comum encontrar uma postura de defesa a promoção da reflexão crítica sobre todas as coisas, inclusive sobre o mundo político, essa proposta nem sempre é bem recebida por todos os lados do debate, mas é o verdadeiro propósito da escola, transmitir conhecimento científico, uma vez que a política também seja uma forma de conhecimento científico.

A busca pelo conhecimento, segundo Comte, em seu livro *Curso de Filosofia Positiva*, é obtida por meio do método científico, os cientistas olham além das aparências e das hipóteses iniciais para descobrirem a realidade subjacente, o processo científico envolve questionamento, experimentação e revisão contínua, refletindo a jornada filosófica que Platão descreve em sua narrativa. Mas a ciência moderna enfrenta desafios, pois a comunicação com o público, mediada pela mídia, pode ser distorcida, criando uma lacuna entre o conhecimento científico e a compreensão pública, fazendo com que a ciência seja pouco valorizada.

Essa imagem é uma obra prima de Platão, que continua inspirando e desafiando pensadores de todas as épocas a explorarem essa questão sobre a natureza da realidade, do conhecimento e da ignorância, com um grande apelo a educação e ao pensamento crítico, fazendo desse conto uma ferramenta significativa para o entendimento, inclusive, do mundo

contemporâneo. Sua relevância filosófica reside na capacidade de incentivar as pessoas a buscarem a verdade e a questionarem as percepções superficiais das coisas, promovendo um entendimento mais profundo e esclarecido sobre a realidade das coisas.

### 2.3 APLICABILIDADE COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA

A imagem da Caverna de Platão pode ser analisada do ponto de vista político e assim proporcionar uma reflexão profunda sobre o papel da política na transformação da realidade social. Ao utilizar seu conteúdo como recurso pedagógico para estudantes do Ensino Médio, é possível estimular uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais, os sistemas políticos e o poder de influenciar as mudanças sociais. Sendo importante destacar que nessa imagem, os prisioneiros representam aquela parte da população que está presa em uma realidade limitada e ilusória, sem acesso a verdadeira compreensão da realidade. As sombras projetadas na parede da caverna simbolizam as informações e percepções distorcidas transmitidas pelas estruturas de poder existentes, como a mídia, instituições governamentais e sistemas educacionais controlados.

Este tópico tem o objetivo de discutir como a Imagem da Caverna pode ser utilizada como ferramenta para promover a conscientização e a formação política, explorando as possíveis analogias entre a situação dos prisioneiros na caverna e a realidade política contemporânea, destacando a importância da busca pela verdade e pelo conhecimento para uma participação ativa na sociedade, livre de “preconceitos, alienações e medos que nos aprisionam na ignorância” (Viana ; Loureiro, 2018, p. 1).

A relação entre ética e política é uma questão central na filosofia de Platão e permanece relevante no contexto contemporâneo. Platão, ao questionar quem deveria governar e como o poder deveria ser exercido, levanta questões éticas que nos ajudam a refletir criticamente sobre a sociedade em que vivemos. Sua filosofia convida a uma análise profunda das motivações e dos valores que deveriam guiar a política, instigando-nos a refletir sobre a busca pela verdade como um princípio ético fundamental para uma liderança justa.

A metáfora de Platão nos ensina que a busca pela verdade exige coragem e perseverança, e que a ignorância é uma condição difícil de superar. No contexto político, a Imagem da Caverna simboliza a necessidade de líderes que tenham conhecimento verdadeiro e ética para guiar a sociedade. Para Platão, o governante ideal é o filósofo-rei, alguém que já passou pelo processo de libertação das ilusões e alcançou uma compreensão mais profunda da justiça e da verdade. Somente aqueles que colocam o bem comum acima de seus próprios interesses e que buscam o

conhecimento verdadeiro deveriam governar, pois eles são os únicos capazes de tomar decisões éticas que beneficiem a sociedade como um todo.

Ao refletir sobre a ética na política, Platão nos alerta sobre os perigos de líderes que governam por interesse próprio ou por busca de poder. Quando os governantes são movidos por ambições pessoais, eles se afastam dos valores éticos fundamentais e colocam em risco a harmonia e a justiça na sociedade. A filosofia platônica sugere que uma política guiada pela ética e pela busca da verdade é essencial para evitar a corrupção, a injustiça e o conflito interno.

Esse pensamento crítico é valioso para os estudantes de hoje, que enfrentam desafios em um mundo marcado por desinformação, polarização e crises políticas. Este estudo sugere um olhar filosófico para as questões sociais e traz esse método de platônico, de tratar de questões complexas com imagens, metáforas e analogias, como um recurso pedagógico a ser explorado a fim de desenvolver a criticidade e o protagonismo juvenil.

Inspirando-se na filosofia de Platão, os estudantes podem ser encorajados a analisar a sociedade com um olhar crítico, questionando as motivações e os valores dos líderes e das instituições. Em vez de aceitar cegamente as "sombras" ou aparências de verdade apresentadas na política e na mídia, Platão nos incentiva a buscar a realidade por trás das aparências, desenvolvendo um senso crítico e ético.

Assim, a filosofia de Platão nos lembra que a ética e a verdade devem ser os pilares da política. Os estudantes que buscam inspiração nessa perspectiva platônica têm a oportunidade de cultivar a capacidade crítica necessária para avaliar o contexto político atual, discernindo o que é justo, verdadeiro e benéfico para o bem comum. Dessa forma, é possível defender uma sociedade justa que depende de cidadãos líderes de si mesmo, autônomos, conscientes, autossuficientes, comprometidos com a busca pelo conhecimento e com o exercício ético do poder. Em última análise, essa reflexão nos motiva a questionar como podemos usar a educação como um instrumento de transformação social a partir desse tipo de ensino, que foque no desenvolvimento da criticidade dos estudantes e na sua capacidade de resolução de problemas.

A Imagem de Platão, dita aqui como a Imagem de Platão, seria como um método de ensino, que explora o uso de narrativas alegóricas para tratar de questões complexas e levar os estudantes, considerando as suas experiências de vida, sua realidade social e sua visão de mundo, como condição prévia para as reflexões acerca de sua realidade, desmistificando, e revelando o que não pode estar oculto e alimentando e mantendo o que precisa ser fortalecido. Ao trabalhar a imagem da caverna com os estudantes do Ensino Médio, é possível promover discussões sobre questões políticas contemporâneas, tais como democracia, direitos humanos, desigualdade social, participação cívica e outros. Os alunos podem ser incentivados a refletirem

sobre como as decisões políticas afetam suas vidas e o futuro da sociedade em que vivem, além de explorar possíveis formas de engajamento político e ativismo.

Dessa forma, a imagem de Platão pode ser utilizada para estimular o pensamento crítico e questionamentos sobre as estruturas de poder existentes, levando os estudantes a se sentirem mais fortes e a terem coragem de analisar as diferentes perspectivas políticas e desenvolverem habilidades de argumentação e debate, com o objetivo de promover uma visão mais informada e consciente sobre as questões políticas que os cercam. Ao explorar a Imagem da Caverna no contexto político, os estudantes do Ensino Médio têm a oportunidade de desenvolver uma compreensão mais profunda sobre o papel da política na transformação da realidade social, para se tornarem cidadãos mais ativos, críticos, engajados com sua comunidade e o mundo ao seu redor, “para ampliar sua compreensão de mundo, e de si mesmo” (Viana ; Loureiro, 2018, p.1).

A imagem da caverna, proposta por Platão em *A República*, é uma das representações mais vívidas e profundas da jornada humana em direção ao conhecimento e à verdade. Nesta imagem, o processo de libertação pode ser visto como uma metáfora poderosa para a importância da educação e da conscientização política na sociedade contemporânea. Na narrativa platônica, a libertação do prisioneiro começa com a remoção de suas correntes e seus grilhões e sua dolorosa ascensão à luz do sol, que inicialmente cega e confunde. Este estágio inicial representa o desconforto e a resistência frequentemente encontrados ao confrontar novas ideias e realidades. Para Platão, a verdadeira educação é um processo de transformação da alma, do estado de ignorância para o estado de conhecimento (cf. Porfírio, 2024, p.1).

Este conceito de libertação através da educação é fundamental na formação de cidadãos críticos e informados. A educação deve ir além da mera transmissão de informações; deve inspirar a reflexão crítica e a capacidade de questionar e entender as estruturas sociais e políticas que moldam nossas vidas. Assim como o prisioneiro da caverna, os indivíduos devem ser incentivados a sair de sua "escuridão" pessoal e buscar uma compreensão mais profunda da realidade. A conscientização política é uma extensão natural do processo educacional. Na imagem, o prisioneiro libertado sente a responsabilidade de retornar à caverna para libertar os outros. Isso representa o papel do indivíduo educado na sociedade: não apenas adquirir conhecimento para si mesmo, mas também ajudar a elevar a consciência dos outros. Este retorno à caverna, apesar da resistência e da hostilidade dos prisioneiros, é uma metáfora para os desafios enfrentados ao tentar conscientizar politicamente uma população.

A conscientização política envolve entender os mecanismos de poder, os direitos e responsabilidades dos cidadãos, e a importância da participação ativa na vida política. Sem essa compreensão, as pessoas permanecem vulneráveis à manipulação e à opressão, presas em uma

"caverna" de ignorância e apatia. A educação é a chave para a libertação dos "prisioneiros" na caverna moderna. Um sistema educacional robusto e inclusivo deve promover o pensamento crítico, a análise reflexiva e a compreensão dos contextos históricos e sociais. Deve capacitar os indivíduos a reconhecerem as "sombras" projetadas por aqueles que desejam manipular e controlar a percepção pública, sejam eles governos autoritários, empresas poderosas ou outros agentes de influência. Além disso, a educação deve ser acessível a todos, independentemente de sua origem social, econômica ou geográfica. Somente quando todos têm a oportunidade de aprender e crescer intelectualmente, a sociedade como um todo pode avançar para uma forma mais iluminada e justa de convivência.

### 3 COMPREENSÃO POLÍTICA E FORMAÇÃO CIDADÃ: PERSPECTIVAS PARA OS ESTUDANTES

A compreensão política desempenha um papel fundamental na formação cidadã dos estudantes. Sob as perspectivas filosóficas de Platão, desenvolver essa compreensão é essencial para cultivar cidadãos informados, críticos e ativos. Platão, em sua obra *A República*, destacou a importância de uma sociedade justa e bem-ordenada, onde os cidadãos são educados para compreender e participar ativamente dos processos políticos. Refletir sobre essas ideias e integrá-las no contexto educacional pode trazer inúmeros benefícios para a formação cívica e ética dos jovens (cf. Oliveira, 2018).

Platão acreditava que a educação deveria preparar os indivíduos para se tornarem cidadãos virtuosos e sábios<sup>4</sup>. Em *A República*, ele discute a construção de uma sociedade ideal, onde a justiça prevalece e cada cidadão contribui para o bem comum<sup>5</sup>. Para Platão, a política não era apenas a administração do Estado, mas um meio de alcançar a harmonia social e a felicidade coletiva. Conforme pode ser percebido com o trecho:

- Assim é, meu amigo. Se descobrires uma vida melhor do que governar, para os que devem governar, podes conseguir um Estado bem administrado. Pois só nesse mandarão aqueles que são realmente ricos, não em dinheiro, mas naquilo em que deve abundar quem é feliz – uma vida boa e sensata. Se, porém, os mendigos e os esfomeados de bens pessoais entram nos negócios públicos, pensando que é daí que devem arrebatam o seu benefício, não é possível que seja bem administrado. Efectivamente, gera-se a disputa pelo poder, e uma guerra dessa, doméstica e interna, deita-os a perder, a eles e ao resto da cidade (Platão, 2005, p. 325).

Neste, Platão defende que governar deve ser um ato feito por aqueles que são "ricos" em sabedoria, virtude e felicidade interior, e não por aqueles que buscam lucro pessoal ou ganho imediato. De acordo com Ademir Costa:

Platão promulgava que a educação tinha o objetivo final de formar moralmente o homem para viver em estado justo. Rejeitava a educação grega praticada pelos sofistas que eram encarregados de transmitir conhecimentos técnicos, principalmente de oratória, para os jovens da elite, que deveriam se tornar aptos para ocupar as funções públicas (2024, p. 1).

<sup>4</sup> Isso pode ser encontrado nos livros III e IV de *A República* onde ele descreve o processo de formação dos guardiões (aqueles que protegerão e governarão a cidade) e discute como a educação deve cultivar as virtudes da coragem, temperança e justiça. Ele sugere que uma educação cuidadosa é fundamental para preparar os indivíduos para contribuir para o bem da sociedade, ajudando-os a superar as aparências e alcançar a verdade.

<sup>5</sup> Platão analisa no livro II e V a estrutura da sociedade ideal, onde ele descreve como a justiça é alcançada quando cada classe (produtores, guardiões e governantes) cumpre seu papel específico. O conceito de justiça é desenvolvido como uma harmonia social, em que cada indivíduo contribui para o bem comum e exerce as funções para as quais é mais adequado.

Segundo Ademir Costa, a educação política de Platão, deve focar no desenvolvimento do caráter e da mente dos estudantes, ensinando-lhes a importância da justiça, da responsabilidade e do bem comum. Ele enfatizava que apenas aqueles bem-educados, com uma compreensão profunda da verdade e da justiça, deveriam participar ativamente na governança, “para Platão a política justa deveria ser feita com ciência, com ética e através de uma base pedagógica sólida” (Costa, 2024, p.1).

Entender os processos políticos permite que os estudantes se tornem participantes ativos na sociedade. Quando os jovens são educados sobre como funcionam os sistemas de governo, os direitos e deveres dos cidadãos e os mecanismos de participação política, eles estão mais bem preparados para se envolverem de maneira informada e eficaz (cf. Moraes, 2015).

A educação política promove habilidades críticas, como a capacidade de analisar e debater questões públicas, compreender diferentes pontos de vista e tomar decisões baseadas em informações sólidas. Além disso, contribui para a formação de uma consciência social, onde os estudantes reconhecem a importância da participação ativa e do trabalho em prol do bem comum (Menezes *et al*, 2014).

Para Francisco Hugo P. Menezes *et al* se faz necessário

educar a sociedade brasileira para o exercício eficaz e efetivo de sua cidadania, e, também, para que o povo brasileiro não seja dominado por conjunto de ‘analfabetos políticos’, que infelizmente através da sua ignorância promovem a ‘corrupção cultural’ (2014, p.3).

Cynara Brito Mariz de Moraes complementa:

A democracia só será efetivada com um estímulo à formação política do jovem no ambiente escolar, seja como tema transversal, disciplina específica ou com a inserção de projetos sociais que atuem nesta perspectiva, no qual prevaleçam os valores éticos e o respeito a diversidade e ao diálogo, criando assim condições para uma ação participativa, transformadora e interligada também aos temas voltados aos direitos humanos (2015, p. 22).

A integração da educação política no currículo escolar pode trazer diversas contribuições significativas para o desenvolvimento das habilidades cívicas e éticas dos estudantes. Primeiramente, promove o pensamento crítico ao encorajar os jovens a questionarem, analisarem e refletirem sobre questões políticas e sociais. Isso os capacita a identificar e desafiar injustiças, bem como a buscar soluções para problemas coletivos (cf. Menezes *et al*, 2014).

Além disso, a educação política desenvolve a consciência social dos estudantes. Ao aprender sobre os desafios e as realidades enfrentadas por diferentes grupos na sociedade, os jovens se tornam mais empáticos e comprometidos com a justiça social. Isso os incentiva a se

engajar em ações comunitárias e a participar de movimentos sociais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Para Danilo Basile Forlini “pensar em uma educação para a cidadania torna-se um elemento essencial para a construção da democracia social” (2015, p.34).

Mas a promoção da compreensão política entre os estudantes enfrenta vários desafios. “A Educação Política encontra-se defasada em âmbito escolar, de modo que os estudantes demonstrem carência nos temas” (Forlini, 2015, p. 20). O desinteresse e a apatia em relação à política são comuns entre os jovens, muitas vezes devido à percepção de que a política é irrelevante ou complicada. Além disso, a falta de formação adequada dos professores e a ausência de conteúdos políticos integrados no currículo escolar podem dificultar a implementação efetiva da educação política.

Para superar esses desafios, é essencial adotar estratégias eficazes. Engajar os estudantes através de métodos participativos, como debates, simulações de processos políticos e projetos comunitários, pode tornar o aprendizado mais dinâmico e relevante. A formação contínua dos professores é basilar para que eles se sintam preparados para abordar temas políticos de maneira acessível e interessante. Além disso, a integração de conteúdos políticos no currículo, de forma interdisciplinar, pode ajudar a contextualizar a importância da política na vida cotidiana dos estudantes.

Este capítulo tem por objetivo refletir sobre a relevância de desenvolver a compreensão política dentro das perspectivas de Platão entre os estudantes como parte essencial de sua formação cidadã, explorando as ideias de Platão sobre política e república e os benefícios de entender os processos políticos para uma participação ativa na sociedade e para o exercício pleno da cidadania.

Também tem a finalidade de identificar e discutir as possíveis contribuições da educação política no contexto escolar para o desenvolvimento de habilidades cívicas e éticas nos estudantes, destacando aspectos como o pensamento crítico, a consciência social e a capacidade de tomar decisões informadas. Sendo desenvolvido com o propósito de analisar os desafios enfrentados na promoção da compreensão política entre os estudantes, bem como estratégias eficazes para superá-los, considerando aspectos como o engajamento dos estudantes, a formação de professores e a integração de conteúdos políticos no currículo escolar.

### 3.1 IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO POLÍTICA SEGUNDO PLATÃO NA FORMAÇÃO CIDADÃ

A compreensão política é um pilar fundamental na formação cidadã, e refletir sobre essa importância através das perspectivas de Platão é uma oportunidade valiosa de ressignificar a educação voltada para a cidadania. Platão, em sua obra "A República", apresenta uma visão detalhada sobre a natureza da justiça, o papel do indivíduo na sociedade e a importância da educação política para a construção de uma sociedade harmoniosa e justa. Desenvolver a compreensão política entre os estudantes, inspirando-se nas ideias platônicas, é essencial para formar cidadãos conscientes, críticos e engajados (cf. Oliveira, 2018).

Talvez num quadro maior, a justiça seja maior e mais fácil de estudar. Por conseguinte, se quiserdes, procuraremos antes a natureza da justiça nas cidades; em seguida, examiná-la-emos no indivíduo, de maneira a perceber a semelhança da grande na forma da pequena (Platão, 2005, p. 121).

Platão acreditava que a política e a educação estavam intrinsecamente ligadas à busca pela justiça e pela verdade. Em *A República*, ele descreve uma sociedade fundada em argumentos racionais, isto é, *lógos*, governada por filósofos-reis, indivíduos que, através de uma educação rigorosa e filosófica, alcançaram uma compreensão profunda da verdade e da justiça. Para Platão, a educação não era apenas um meio de transmitir conhecimento, mas uma ferramenta para moldar o caráter e a alma dos indivíduos (cf. Costa, 2024).

Conforme Ademir Costa

o homem justo é aquele cuja alma racional (pensamento e vontade) é mais forte do que as outras duas almas, impondo à concupiscente a virtude da temperança ou moderação, e à colérica a virtude da coragem, que deve controlar a concupiscência. O homem justo, no entender de Platão, é o homem virtuoso, onde prevalece o domínio racional sobre o desejo e a cólera (2024, p.1).

Valdinei Soares de Oliveira explica que “o fundamento da política, segundo Platão é a justiça” (2018, p.3) e neste debate, Sócrates assume o centro e os demais interlocutores são apenas coadjuvantes. “A justiça na *República* é cada um saber qual é o seu lugar na sociedade e contribuir para o bom funcionamento dela” (Oliveira, 2018, p.4).

Então amigo, continuei, pode muito bem dar-se que nisso, precisamente, consiste a justiça: cuidar cada um do que lhe diz respeito. Sabes de onde tiro essa conclusão? A meu parecer, lhe disse, a restante virtude da cidade por nós planejada, afora as três mencionadas acima: temperança, coragem e sabedoria, tem de ser a que empresta força para que as outras surjam e, uma vez existentes, pelo simples feito de sua presença, subsistam por quanto tempo ela dura (Platão, 2005, p.185).

Ademir Costa (cf. 2024) reforça que a formação política, segundo Platão, deveria preparar os cidadãos para participarem ativamente na vida pública, com um senso agudo de responsabilidade e justiça. Ele defendia que, para alcançar uma sociedade justa, era necessário que os governantes e os cidadãos possuísem uma educação que promovesse a virtude e a sabedoria. Assim, a educação política platônica visa formar indivíduos capazes de compreender e exercer seus deveres cívicos com integridade e discernimento.

Platão promulgava que a educação tinha o objetivo final de formar moralmente o homem para viver em estado justo. Rejeitava a educação grega praticada pelos sofistas que eram encarregados de transmitir conhecimentos técnicos, principalmente de oratória, para os jovens da elite, que deveriam se tornar aptos para ocupar as funções públicas (Costa, 2024, p.1).

Vale destacar um trecho de Platão:

- É nossa função, portanto, forçar os habitantes mais bem dotados a voltar-se para a ciência que atualmente dissemos ser a maior, a ver o bem e a empreender aquela ascensão e, ver uma vez que a tenham realizado e contemplado suficientemente o bem, não lhes autorizar o que agora é autorizado.
- O que
- Permanecer lá e não querer descer novamente para juntos daqueles prisioneiros nem partilhar dos trabalhos e honrarias que entre eles existem, quer sejam modestos, quer elevados.
- Quê? Vamos cometer contra eles a injustiça os fazer levar uma vida inferior, quando lhes era possível ter melhor.
- Esquece-te novamente, meu amigo, que à lei não importa que uma classe qualquer da cidade passe excepcionalmente bem, mas que isso aconteça à totalidade dos cidadãos harmonizando-os pela persuasão ou pela coação, e fazendo com que partilhem uns com os outros do auxílio que cada um deles possa prestar à comunidade; ao criar homens destes na cidade, a lei não o faz para deixar que cada um se volte para a atividade que lhe aprouver, mas por tirar partido dele para a união da cidade.
- É verdade, tinha-me esquecido, realmente.
- Repara ainda, Glauco, que não causaremos prejuízos aos filósofos que tiveram aparecido entre nós, mas teremos boas razões para lhes apresentar, por os forçamos a cuidar dos outros e a guardá-los (Platão, 2005, p. 321).

Compreender os processos políticos é fundamental para a participação ativa na sociedade e para o exercício pleno da cidadania. Para Beatriz Crespo “a cidadania traduz-se numa atitude e num comportamento, num modo de estar em sociedade que tem como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia e da justiça social” (2020, p.14).

Quando os estudantes são educados sobre como funcionam os sistemas de governo, os direitos e deveres dos cidadãos, e os mecanismos de participação política, eles se tornam mais

preparados para se envolverem de maneira informada e eficaz. Platão via o conhecimento político como um meio de empoderar os indivíduos, permitindo-lhes tomar decisões fundamentadas e participar de maneira construtiva na vida pública. Isso se traduz em uma série de benefícios, como o desenvolvimento de pensamento crítico, consciência social, participação ativa e outros. Para Francisco Hugo P. Menezes *et al* , “a promoção da Educação Política é uma das formas mais concretas de realização da democracia” (2014, p. 6).

A educação política incentiva os estudantes a questionarem, analisarem e refletirem sobre questões políticas e sociais. Esse pensamento crítico é essencial para identificar injustiças e buscar soluções inovadoras para os problemas da sociedade. Ao entenderem os desafios e as realidades enfrentadas por diferentes grupos sociais, os estudantes desenvolvem empatia e um compromisso com a justiça social. Isso os motiva a se engajarem em ações comunitárias e movimentos sociais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais equitativa. O conhecimento dos processos políticos capacita os estudantes a participarem ativamente nos processos democráticos, como eleições, debates públicos e formulação de políticas. Isso fortalece a democracia e garante que a voz de todos os cidadãos seja ouvida.

Para Danilo Basile Forlini

a escola deve ter essa atribuição bem definida, já que ela é, historicamente, a instituição criada por nossa civilização para a formação intelectual e moral, incluindo valores, conhecimentos e habilidades necessários para a Educação Política (2015, p.61).

Desenvolver a compreensão política segundo as perspectivas de Platão é fundamental para a formação cidadã. A educação política, baseada nos princípios platônicos de justiça e verdade, forma cidadãos que não apenas entendem o funcionamento da sociedade, mas que também se comprometem a agir de maneira ética e responsável.

Promover essa compreensão nas escolas envolve integrar conteúdos políticos de maneira interdisciplinar, engajar os estudantes através de métodos participativos e garantir que os professores estejam preparados para abordar esses temas com profundidade e clareza. Estratégias como debates, simulações de processos políticos e projetos comunitários tornam o aprendizado dinâmico e relevante, incentivando os estudantes a se tornarem cidadãos ativos e informados.

### 3.2 AS IDEIAS POLÍTICAS DE PLATÃO E SUA RELEVÂNCIA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

A República de Platão é uma das obras centrais da filosofia política e ética, e nela Platão busca responder questões fundamentais sobre o que é a justiça e como ela se relaciona com a natureza humana e a vida política. A obra começa com o problema central: o que é o agir correto ou justo? E, mais importante, por que devemos ser justos e não injustos?

Platão, por meio de Sócrates, conduz um debate com diversas figuras, cada uma representando diferentes concepções de justiça. Céfalo, o patriarca, representa a visão tradicional e convencional da justiça: ser justo é simplesmente cumprir leis e tradições e dizer a verdade. Essa visão, porém, é superficial, pois não responde à pergunta fundamental sobre o porquê de sermos justos e como a justiça se relaciona com a felicidade. Polemaco, filho de Céfalo, adota uma visão mais prática, onde a justiça seria ajudar os amigos e prejudicar os inimigos. No entanto, essa visão é limitada e perigosa, pois pressupõe que sabemos quem são verdadeiros amigos e inimigos, e que a justiça pode se basear em preferências pessoais, algo que Sócrates refuta.

Trasímaco, um sofista, traz uma visão cínica: a justiça seria apenas o interesse do mais forte, ou seja, uma construção de poder e dominação. Para Trasímaco, a injustiça, quando praticada com habilidade, traz mais vantagens do que a justiça. Sócrates, no entanto, vai argumentar que essa visão leva ao caos e à desordem na alma e na cidade, prejudicando tanto o indivíduo quanto a coletividade. Com essas respostas insuficientes, Glauco e Adimanto, os irmãos de Platão, levantam novos desafios: por que a justiça é intrinsecamente valiosa? Eles sugerem que a justiça é vista apenas como uma convenção social e que as pessoas agiriam injustamente se pudessem escapar das consequências. Isso leva Sócrates a uma investigação mais profunda para descobrir o que é a justiça em si e como ela está ligada à felicidade humana.

Para responder de forma mais ampla, Platão propõe uma analogia entre a cidade (pólis) e o indivíduo. Ele argumenta que, assim como a alma humana possui diferentes partes, a cidade também é composta de diferentes classes e funções. Ao fundar uma cidade em palavras (*kallipolis*), Platão tenta visualizar como seria uma cidade justa, com o objetivo de refletir sobre o que é a justiça no nível individual.

- Tenho de tentar — disse eu —, já que me ofereces uma aliança de tanta magnitude. Parece-me necessário, se de algum modo queremos escapar àqueles ataques que anuncias, determinar perante eles quais são os filósofos a que nos referimos quando ousamos afirmar que são eles que devem governar, a fim de que, uma vez esclarecidos, possamos defender-

nos, demonstrando que a uns compete por natureza dedicar-se a filosofia e a governar a cidade, e aos outros não cabe tal estudo, mas sim obedecer a quem governa (Platão, 2005, p.252).

Essas três classes refletem as três partes da alma humana: Razão (nos governantes): busca a verdade e deve governar a vida de forma racional; Espírito (nos guardas): ligado à coragem e honra, sendo responsável por manter a vontade de agir conforme a razão; Desejo (nos produtores): relacionado aos prazeres e necessidades básicas, que devem ser regulados pela razão e o espírito. A justiça, tanto na cidade quanto no indivíduo, surge quando cada parte cumpre sua função adequada e em harmonia com as outras partes. Assim, a justiça não é meramente uma convenção social, mas uma ordem natural tanto na pólis quanto na alma. É a harmonia entre as partes que gera a justiça, e essa harmonia leva à felicidade, tanto no indivíduo quanto na cidade.

- porventura o elemento que impede tais atos não provém, quando existe, do raciocínio, ao passo que o que impele a arrasta deriva de estados especiais e mórbidos?
- Acho que sim?
- Não é, portanto, sem razão que consideremos que são dois elementos, distintos um do outro, chamando aquele pelo qual ela raciocina, o elemento racional da alma, e aquele pelo qual ama, tem fome e sede e esvoaça em volta dos outros desejos, o elemento irracional e da concupiscência, companheiro de certas satisfações e desejos.
- Não é natural que pensemos assim?
- Por conseguinte – prossegui eu -, vamos distinguir na alma a presença destes dois elementos. Porém o da irratamos, será u terceiro, ou da mesma natureza de algum destes dois?
- Talvez seja da do segundo, o da concupiscência (Platão, 2005, p. 196).

A República de Platão, portanto, é uma reflexão sobre a essência da pólis e da vida política. Platão defende que uma cidade justa é aquela em que os indivíduos vivem de acordo com sua natureza, em uma sociedade organizada e guiada pela sabedoria. A vida política deve ser orientada pela justiça, não como uma mera convenção, mas como um princípio fundamental para o bem-estar de todos. A cidade ideal, construída em palavras, serve como um modelo de reflexão sobre como a justiça deve ser organizada na sociedade e na alma humana. A justiça é, portanto, a ordem e harmonia tanto na pólis quanto no indivíduo, e somente por meio dela a verdadeira felicidade pode ser alcançada.

- Entendes perfeitamente o que eu quero dizer, mas, além disso, vais pensar ainda neste ponto.
- Que relativamente ao elemento irascível, é o contrário do que nos parecia há pouco. De fato, julgávamos então que se aproximava do elemento da

concupiscência, ao passo que agora afirmamos que está muito, longe disso; de preferência, toma armas pela razão, quando há lutas na lama.

- Exatamente.

- Porventura, será diferente da razão, ou qualquer das suas formas, de maneira que haverá na alma, não três, mas dois elementos, o racional e o concupiscível? Ou tal como, na cidade, está se compunha de três classes: a negociante, a auxiliar e a deliberativa; também na alma a terceira servia este elemento irascível, auxiliar do racional por natureza, quando não foi corrompido por má educação? (Platão, 2005, p.197).

A obra *A República* de Platão é um dos textos mais influentes da filosofia ocidental, abordando questões fundamentais sobre a organização política e a justiça social. Platão, através do diálogo entre Sócrates e diversos interlocutores, apresenta suas ideias sobre a natureza da justiça, a estrutura ideal de uma cidade (polis) e o papel dos indivíduos dentro dessa sociedade.

Platão, através de Sócrates, explora várias definições de justiça antes de propor sua própria. Inicialmente, a justiça é definida por personagens como Céfalo, Polemarco e Trasímaco de formas que são posteriormente refutadas. Sócrates então propõe que a justiça é uma harmonia em que cada parte da sociedade desempenha seu papel adequado sem interferir nos papéis dos outros.

Valdinei Soares de Oliveira explica:

A Justiça é algo bem simples e ao mesmo tempo complexo, dá sustentação as outras virtudes, pois o homem tem que saber qual é o seu lugar na comunidade e se adequar a este papel. A República projeta uma reforma social que visa, primordialmente, uma reforma do homem. Um novo homem precisa ser formado para habitar esta cidade ideal. O homem da época de Platão estava corrompido pelo individualismo que a democracia ateniense fomentava, quando consultava os cidadãos para fazer a guerra e a paz, escolher as autoridades, elaborar as leis, atuar como juízes, etc. A sociedade ideal de Platão precisa de um tipo diferente de cidadão, alguém militarizado (2018, p. 3).

Platão faz uma analogia entre a justiça na cidade e a justiça na alma individual. Para ele, assim como a alma é composta de três partes (racional, espiritual e apetitiva), a cidade é composta de três classes principais (governantes, guardiões e produtores ou artesões). A justiça é alcançada quando cada parte da alma ou cada classe na cidade cumpre sua função de maneira adequada.

Neste trecho é possível entender como Platão caracteriza a harmonia de uma sociedade justa, como concordância entre os governantes, coragem dos guerreiros, sabedoria dos líderes e funções específicas para cada indivíduo.

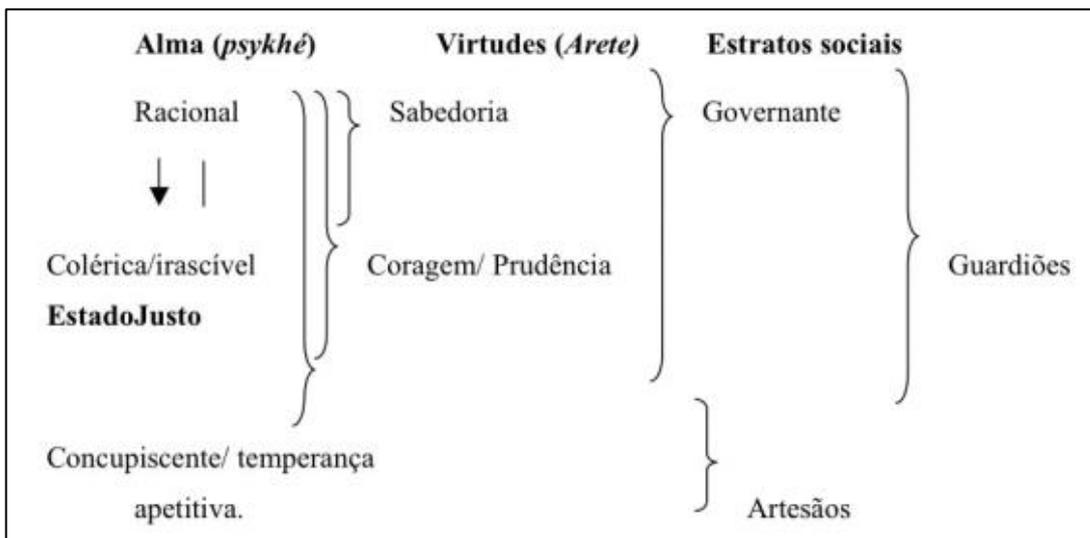
- Mas na verdade - prossegui eu - se fosse preciso julgar qual destas qualidades, pela sua presença, faz com que a nossa cidade seja boa, seria

difícil de distinguir se era a concordância de opiniões dos governantes e dos governados, se a preservação, mantida entre os guerreiros, da opinião legítima acerca do que se deve ou não recear, ou a sabedoria e vigilância existentes nos chefes, ou se o que a torna mais perfeita é a presença, na criança, na mulher, no escravo, no homem livre, no artífice, no governante, no governado, da noção de que cada um faz o que lhe pertence, e não se mete no que é dos outros (Platão, 2005, p.186).

Platão descreve uma cidade ideal, a *Kallipolis*, que é governada por filósofos-reis. Esses governantes são escolhidos por sua sabedoria e amor pela verdade. A cidade ideal é estruturada em três classes: Governantes (Filósofos-Reis - São os mais sábios e racionais, responsáveis por tomar decisões e guiar a cidade com base em princípios filosóficos); Guardas (Auxiliares - Protegem a cidade e mantêm a ordem. Eles são selecionados por seu espírito e coragem); Produtores ou artesões (Trabalhadores- Incluem agricultores, artesãos e comerciantes, responsáveis por fornecer os bens e serviços necessários para a sobrevivência da cidade) (cf. Prado, 2019).

O esquema (Imagem 01) de Pedro Angelo Pagni demonstra isso de forma bem didática:

**Imagem 01:** Esquema das 3 almas, virtudes e grupos sociais de Platão



Fonte: Pagni, 2024, p.7.

Sobre isso, Valdinei Soares de Oliveira explica:

A República apresenta uma divisão social que é importante conhecer porque ela definirá o tipo de educação que receberá os seus membros. Platão divide a sociedade em três classes: povo, guardiães e governantes. Não é uma divisão gratuita ou que reflita os interesses da comunidade. Ela é essencial para o tipo de sociedade que pretende criar. O papel dos guardas na República é tão importante, que eles não constituem tão somente uma classe, mas evoluem

para uma casta, sendo retroalimentada e receberão uma educação especial, pois darão origem aos futuros governantes (2018, p.5).

Platão enfatiza a importância da educação rigorosa e prolongada para a formação dos governantes. A educação deve começar desde a infância e incluir estudos de música, ginástica, matemática e filosofia. Apenas aqueles que se destacam ao longo desse processo educativo são selecionados para serem filósofos-reis. Para evitar conflitos de interesse e corrupção, Platão propõe que os governantes e guardiões vivam em uma comunidade de bens, onde não possuem propriedades privadas. Além disso, ele sugere a abolição da família tradicional para esses grupos, com crianças sendo criadas coletivamente para garantir que todos sejam tratados igualmente e que a lealdade seja direcionada à cidade como um todo (cf. Prado, 2019).

Todos aqueles que tenham ultrapassado os dez anos, na cidade, a esses mandá-los-ão todos para os campos; tomarão conta dos filhos deles, levando-os para longe dos costumes atuais, que os pais também têm, criá-los-ão segundo a sua maneira de ser e as suas leis, que são as que já analisámos. E assim, da maneira mais rápida e mais simples, se estabelecerá o Estado e a constituição que dizíamos, fazendo com que ele seja feliz e que o povo em que se encontrar valha muito mais (Platão, 2005, p. 359).

A justiça social, segundo Platão, é alcançada quando cada pessoa desempenha a função para a qual é mais adequada por natureza. Esse princípio de especialização garante que todos contribuam para a sociedade de maneira eficiente e harmoniosa. Ediano Dionísio do Prado explica que

a Justiça será alcançada quando prevalecer o princípio da divisão do trabalho e cada uma das partes da sociedade cumprir a contento sua função. Cada classe deve cumprir a tarefa que lhe foi consignada e que o recrutamento dessas classes se processe segundo as aptidões naturais de cada um (2019, p.9).

Platão defende que homens e mulheres devem ter as mesmas oportunidades de educação e podem ocupar as mesmas posições na sociedade, inclusive a de governante, desde que possuam as qualidades necessárias. Essa ideia era radical para a época e demonstra a visão de Platão sobre igualdade de oportunidades baseada no mérito (cf. Prado, 2019).

- e deste modo se concordará que a posse do que pertence a cada um e a execução do que lhe compete constituem a justiça.
- sim.
- Ora vê-la se pensas o mesmo que eu. Se um carpinteiro experimentar fazer o trabalho de um sapateiro, ou um sapateiro o de um carpinteiro, trocando os utensílios respectivos ou salários, ou se o mesmo homem tentar exercer ambos os ofícios, ou se fizerem as outras mudanças, porventura achas que o fato causará grande prejuízo á cidade?
- De modo algum – Respondeu.

- Mas, quando, penso eu, um homem for, de acordo com a sua natureza, um artífice ou negociante qualquer, e depois, exaltado pela sua riqueza, pela multidão, pela força ou qualquer atributo deste gênero, tentar passar para a classe dos guerreiros para a dos chefes e guardiões, sendo indigno disso, e forem esses que permitem entre si instrumentos e honrarias, ou quando o mesmo homem tentar exercer estes cargos todos ao mesmo tempo, nesse caso penso que também achar[as que esta mudança e confusão serão a ruína da cidade.
- Absolutamente.
- Logo, a confusão e mudanças destas três classes uma para outras seria o maior dos prejuízos para a cidade e com razão se poderia classificar de maior dos danos.
- Inteiramente.
- O maior dos danos para com sua cidade, não dirás que é injustiça.
- Como não.
- Por conseguinte, é isso a injustiça. E agora digamos a inversa: se a classe dos negociantes, auxiliares e guardiões se ocupar das suas próprias tarefas, executando cada um deles o que lhe compete na cidade, não se verificaria o contrário do caso anterior, a existência da justiça, e isso não tornaria a cidade justa (Platão, 2005, p.185).

Valdinei Soares de Oliveira explica:

Platão não pretende uma sociedade igualitária. Seu conceito de justiça não contempla esta possibilidade. Aristocrata, ele tem os seus preconceitos para com as outras classes sociais. Cada uma das classes sociais da República receberá uma educação apropriada a sua função na sociedade. Ele dedicará uma atenção especial aos guardiões, quer seja na seleção de seus integrantes, quer seja na sua formação física e intelectual (2018, p.6).

A organização política e a justiça social em "A República" são orientadas para o bem comum. Platão acredita que a cidade ideal deve ser estruturada de maneira a promover o bem-estar coletivo, e não apenas os interesses individuais. Com isso, vale destacar o que Ademir Costa explica:

Platão defendia que toda educação era de responsabilidade estatal e, ainda, reivindicava o acesso universal à educação e a mesma instrução para meninos e meninas. Platão defendia essas ideias por ser opositor ao sistema democrático que vigorava em Atenas, principalmente porque ele dava poder a pessoas despreparadas para governar. Considerando este ponto de vista, a argumentação do sistema educacional platônico constrói-se na renúncia do indivíduo a favor da comunidade e o processo educacional, muito embora longo, deveria revelar o talento e o gênio. Neste sentido, a educação, na ótica de Platão, teria que testar as aptidões dos alunos para que os revelassem tendências ao conhecimento e recebessem a formação completa para serem governantes. Segundo o filósofo, a formação dos cidadãos começaria antes mesmo do nascimento, pelo planejamento eugênico da procriação que se baseia em condições que favoreçam a reprodução e melhoria da raça humana (2024, p.1).

Na obra *A República*, Platão apresenta a figura do filósofo-rei como a encarnação ideal da liderança política. Esta figura central é delineada ao longo dos diálogos como um líder cuja sabedoria e virtude são essenciais para a criação e manutenção de uma sociedade justa e harmoniosa. O filósofo-rei é definido por Platão como aquele que possui um amor pela sabedoria e pela verdade acima de tudo. Essa figura não é apenas um governante eficiente, mas um indivíduo cuja vida é dedicada à busca do conhecimento e à compreensão das ideias superiores e eternas, especialmente a ideia do Bem (cf. Prado, 2019).

Valdinei Soares de Oliveira ajuda no entendimento do filósofo rei, explicando:

O filósofo rei é um ser especial, um eleito, a mais alta expressão da perfeição física e intelectual da República. Não tem família, nem bens, um autêntico filho da cidade ideal; sem passado familiar, sem tradições, inaugurando um novo tipo de homem. É um imaculado. Talvez a característica mais terrível desta criatura. Forjado para liderar dentro de um conceito muito estreito de justiça, este iluminado, que alcança com sua mente poderosa as formas, as essências, pretende levar a República a redenção (2018, p.20).

A formação de um filósofo-rei é rigorosa e prolongada, começando na infância e continuando até a idade adulta. Platão descreve um currículo educativo que inclui música, ginástica, matemática e, finalmente, filosofia. Esta educação é projetada para desenvolver tanto o corpo quanto a mente, cultivando as virtudes necessárias para governar com justiça e sabedoria. Apenas aqueles que demonstram excepcional capacidade intelectual e moral ao longo de seu treinamento são selecionados para se tornarem filósofos-reis. Platão acredita que os melhores líderes são aqueles que não desejam o poder por interesse próprio, mas estão dispostos a governar por um senso de dever e serviço ao bem comum (cf. Prado, 2019).

Ediano Dionísio do Prado enfatiza que para Platão

a razão deve aspirar à sabedoria, a vontade deve mostrar coragem e os desejos devem ser controlados a fim de que se possa exercitar a temperança. Somente quando as três partes agem como um todo é que temos a sociedade e o indivíduo harmônicos, justos ou íntegros (2019, p.9).

Para Platão, a sabedoria é fundamental porque permite ao líder compreender a ideia do Bem, que é a causa de tudo que é justo e belo. Conhecer o Bem capacita o governante a tomar decisões que promovem a justiça e o bem-estar de toda a cidade. O filósofo-rei é capaz de ver além das aparências imediatas e compreender as relações mais amplas entre as ações políticas e suas consequências. Essa visão holística é essencial para a elaboração de políticas que beneficiem a sociedade como um todo, e não apenas interesses particulares ou de curto prazo (cf. Prado, 2019).

A sabedoria permite ao líder discernir o que é verdadeiramente justo em cada situação, evitando tanto a tirania quanto a demagogia. Com um conhecimento profundo das leis universais e dos princípios éticos, o filósofo-rei pode governar com equidade e integridade. Além da sabedoria, o filósofo-rei deve possuir virtudes morais como a justiça, a coragem, a temperança e a prudência. Essas virtudes garantem que o governante agirá de acordo com os princípios éticos, mesmo diante de tentações ou pressões externas.

Sobre isso, Flavio Williges faz uma reflexão bastante profunda:

A razão ou justiça universal que se distribui entre todas as coisas é apreendida através das fontes do conhecimento presentes em nós. Essa justiça reinante na base de tudo, no entanto, não é sensível, no sentido de poder ser tocada, experimentada. Ela é inteligível, ou seja, supõe, para seu conhecimento ou apreensão, o uso de faculdades como o pensamento (raciocínio), a inteligência (nous, dianóia) e o discurso (logos)<sup>5</sup>. Uma consequência prática relevante dessa concepção será admitir que a razão universal e justa distribui tudo justamente, de acordo com as leis do Ser, de um modo que não compete aos homens, como seres independentes e livres, questionar ou buscar aperfeiçoar aquilo que a razão bem distribuiu. Assim, embora para nossa consciência contemporânea pareça fazer pouco sentido pensar numa justiça independente dos interesses humanos, daqueles propósitos que elegemos como valiosos e dignos de serem perseguidos, na filosofia platônica, a justiça ou correção pressupõe a obediência ou submissão à razão universal (2019, p.1).

Platão enfatiza que os filósofos-reis devem ser desinteressados e não devem buscar o poder por ganho pessoal. Sua motivação deve ser o serviço ao bem comum, colocando os interesses da cidade acima dos seus próprios. A virtude do filósofo-rei serve como um exemplo para todos os cidadãos, promovendo uma cultura de moralidade e ética na sociedade. Quando os líderes são virtuosos, eles inspiram os outros a agir de maneira semelhante, contribuindo para a harmonia social e a justiça (cf. Williges, 2019).

Na obra *A República*, Platão dedica grande atenção ao papel central da educação na formação de cidadãos conscientes e ativos. Ele argumenta que a educação deve ir além da mera transmissão de conhecimentos técnicos e habilidades práticas; deve, sobretudo, cultivar a virtude e a razão, preparando os indivíduos para contribuir de maneira significativa para a sociedade. Platão vê a educação como a base para a estrutura social e política de sua cidade ideal, a *Kallipolis*. Ele acredita que a educação adequada pode criar cidadãos que não só conhecem suas funções específicas, mas também compreendem a importância do bem comum.

A educação, segundo Platão, deve ser integral, abrangendo tanto o desenvolvimento físico quanto o intelectual e moral. Desde a infância, os cidadãos devem ser educados para desenvolver corpo e mente de forma harmoniosa, promovendo uma vida equilibrada e virtuosa. Platão destaca a importância de quatro virtudes cardeais: sabedoria, coragem, temperança e

justiça. A educação deve ser orientada para o cultivo dessas virtudes, que são essenciais para o bem-estar individual e coletivo.

A sabedoria permite que os indivíduos tomem decisões informadas e justas, guiadas pelo conhecimento e pela compreensão profunda das coisas. A coragem é necessária para enfrentar desafios e adversidades com firmeza e determinação, mantendo a integridade moral. A temperança envolve o controle dos desejos e impulsos, promovendo a moderação e o equilíbrio na vida pessoal e social. A justiça, conforme definida por Platão, é a harmonia resultante de cada indivíduo cumprir sua função adequada na sociedade.

Padro Angelo Pagni explica que para Platão:

A proposição da *Paideia* justa é imprescindível para a formação do homem virtuoso que viverá na cidade ou no Estado justos. A referida educação platônica pressupõe o desenvolvimento de virtudes designadas como verdadeiras e guiadas pelo sumo Bem que seriam alcançadas pela subordinação do desejo, pela libertação do homem do mundo sensível em que se encontra enredado, dirigindo o olhar de seu pensamento ao mundo inteligível das ideias (2024, p.12).

A educação platônica enfatiza a formação do caráter. Platão acredita que as histórias e músicas que as crianças ouvem, assim como os jogos que jogam, devem ser cuidadosamente escolhidos para inculcar valores e virtudes desde cedo. Platão argumenta que o desenvolvimento da razão é fundamental para a formação de cidadãos capazes de pensar criticamente e tomar decisões baseadas na verdade e na justiça. A educação filosófica, que envolve o estudo da lógica, da ética e da metafísica, deve ser uma parte central do currículo. O método dialético, que envolve a discussão e a argumentação rigorosa, é visto por Platão como essencial para o desenvolvimento da razão. Esse método ajuda os estudantes a questionarem pressupostos, explorarem diferentes pontos de vista e chegarem a conclusões fundamentadas.

Platão descreve um processo educativo que culmina na ascensão à compreensão da forma do bem. Esta é a ideia suprema que ilumina todas as outras formas e proporciona a base para o conhecimento verdadeiro e a ação moral. A educação deve guiar os estudantes em direção a essa compreensão, permitindo-lhes governar a si mesmos e à sociedade de maneira justa e sábia. Platão acredita que uma educação que desenvolve a virtude e a razão prepara os indivíduos para serem cidadãos ativos e engajados. Eles compreendem suas responsabilidades cívicas e estão dispostos a participar do governo e da vida pública para promover o bem comum.

A educação platônica visa também formar líderes éticos, que possuam não apenas conhecimentos técnicos, mas também integridade moral. Esses líderes, que Platão idealiza como filósofos-reis, são capazes de governar com sabedoria e justiça, servindo como modelos para toda a sociedade. Cidadãos educados são capazes de tomar decisões informadas sobre

questões políticas e sociais. Eles podem avaliar criticamente as propostas políticas, participar de debates e contribuir para a formação de políticas públicas justas e eficazes.

### 3.3 A EDUCAÇÃO PLATÔNICA E O CURRÍCULO ESCOLAR

Incorporar as ideias de Platão sobre política e cidadania no ensino básico e superior pode enriquecer a formação dos estudantes, fornecendo-lhes uma base sólida em filosofia e pensamento crítico. Como estratégias pedagógicas pode-se recomendar ou sugerir a introdução a filosofia através de narrativas mitológicas, com a utilização de histórias e mitos, como A Imagem da Caverna, por exemplo, para explicar conceitos filosóficos de Platão. As narrativas são uma ferramenta poderosa para despertar a curiosidade e facilitar a compreensão de ideias complexas. Promover debates e discussões em grupo sobre temas como justiça, virtude e a estrutura da sociedade ideal segundo Platão. Essa estratégia pode incentivar os alunos a expressarem suas próprias opiniões e a ouvirem diferentes perspectivas.

Para Andrei Simão de Mello usar contos como forma de ensinar valores, como a “Imagem da Caverna é muito proveitoso para a educação. Por isso ele faz uma analogia da sociedade atual com a Imagem de Platão bastante interessante:

Cada vez mais, as pessoas se tornam prisioneiras em suas casas, devido à insegurança e vários outros fatores. Com isto, o ser humano se torna amigo da televisão e dos meios de mídia de massa. Estes são geralmente controlados pela elite econômica, a qual se utiliza deles para transmitir “ideias empacotadas” à população. O cidadão está cada vez mais em um mundo de sombras, onde o seu conhecimento e suas opiniões são moldados pelos interesses de quem manda. Neste novo mundo, cabe à população procurar outros meios de informação para sair deste controle imposto (Mello, 2011, p.76).

Podem ser feitos estudos comparativos entre as teorias políticas de Platão e outros filósofos ou sistemas políticos contemporâneos. Isso ajuda os alunos a contextualizarem as ideias platônicas e avaliarem sua relevância atual. Há também a possibilidade de desenvolvimento de projetos de pesquisa que explorem temas específicos da filosofia política de Platão, como a ideia de justiça, a divisão das classes sociais ou o papel do filósofo-rei. E a realização de simulações de diferentes formas de governo baseadas na filosofia política de Platão. Os alunos podem criar propostas de governo, debater suas ideias e avaliar as vantagens e desvantagens de cada modelo.

Para a produção prática podem ser sugeridos o desenvolvimento de materiais didáticos específicos que expliquem as ideias de Platão de maneira acessível e envolvente. Isso pode

incluir livros, vídeos, infográficos e recursos digitais interativos; a elaboração de programas de formação continuada para professores, capacitando-os a integrar as ideias de Platão em suas práticas pedagógicas de forma eficaz. O uso de métodos de avaliação formativa e sumativa para monitorar o entendimento dos alunos e ajustar as estratégias pedagógicas conforme necessário. Isso garante que o aprendizado seja contínuo e significativo.

Integrar as ideias de Platão sobre política e cidadania no ensino básico e superior não apenas enriquece o currículo acadêmico, mas também contribui para a formação de cidadãos críticos e engajados, capazes de refletir sobre o papel do indivíduo na sociedade e na construção de um futuro mais justo e equitativo.

A utilização de debates e discussões em sala de aula é uma estratégia pedagógica eficaz para incentivar a reflexão crítica sobre temas políticos e sociais. Essas atividades promovem um ambiente de aprendizado dinâmico, onde os estudantes são encorajados a expressar suas opiniões, ouvir diferentes perspectivas e desenvolver habilidades argumentativas. Debates e discussões exigem que os alunos analisem informações, avaliem diferentes pontos de vista e formem suas próprias opiniões com base em evidências. Isso fortalece o pensamento crítico e a capacidade de argumentação lógica.

Para Adriana Andreia Gomes Rodrigues:

Os/as professores/as desempenham um papel fundamental face à formação de consciências que podem ser desenvolvidas através de debates e discussões, deparando os/as discentes com as realidades que os circundam, gerando intensos momentos de introspecção (2023, p.66).

Atividades como essas transformam os alunos em participantes ativos do processo de aprendizado, ao invés de meros receptores de informações. O engajamento ativo ajuda a consolidar o conhecimento e torna o aprendizado mais significativo. Participar de debates e discussões melhora as habilidades de comunicação dos alunos, incluindo a capacidade de falar em público, ouvir ativamente e responder de maneira articulada e respeitosa. Ao ouvir e considerar diferentes perspectivas, os alunos desenvolvem empatia e respeito pelas opiniões alheias. Isso é fundamental para a construção de uma sociedade mais tolerante e inclusiva. Discutir temas políticos e sociais prepara os alunos para se tornarem cidadãos informados e engajados. Eles aprendem a importância de participar ativamente nas questões que afetam suas comunidades e o mundo ao seu redor.

Como práticas em debates e discussões, podem ser sugeridos a escolha do tema relevante, a preparação prévia, a estrutura das regras de forma clara; a moderação imparcial; o incentivo a reflexão após o debate; a avaliação. Selecionar temas atuais e relevantes que

despertem o interesse dos alunos e sejam significativos para a realidade deles. Exemplos incluem questões de justiça social, direitos humanos, mudanças climáticas, políticas educacionais e outros tópicos pertinentes. Fornecer materiais de leitura e recursos para que os alunos se preparem adequadamente antes dos debates e discussões. Isso garante que todos tenham uma compreensão básica do tema e possam contribuir de maneira informada.

Estabelecer uma estrutura clara para os debates, incluindo regras para a participação, o tempo de fala e a conduta dos participantes. Isso ajuda a manter a ordem e garantir que todos tenham a oportunidade de se expressar. O professor deve atuar como um moderador imparcial, facilitando a discussão e garantindo que todos os pontos de vista sejam ouvidos. O papel do moderador é significativo para manter o respeito e a civilidade durante o debate.

Após os debates, incentivar os alunos a refletirem sobre o que aprenderam e como suas opiniões podem ter mudado. Isso pode ser feito através de atividades de escrita reflexiva ou discussões em pequenos grupos. Avaliar a participação dos alunos de maneira construtiva, focando em aspectos como a clareza dos argumentos, a utilização de evidências e a capacidade de ouvir e responder aos colegas. Feedback positivo ajuda a motivar e melhorar o desempenho dos alunos (cf. Dassie, 2022).

Adriana Andreia Gomes Rodrigues salienta que

tal como a ação política e toda a ação humana, o processo de formação de consciência dos conflitos sociais, também adquire uma dimensão educativa. Ao identificar e refletir sobre interesses antagônicos, dá-se lugar a uma compreensão de si, enquanto grupo, ao relacionar-se com outros grupos, ou tal como diria Gramsci, a uma autoconsciência crítica, capaz de emergir, apenas, no processo de luta de classes (2023, p.71).

Os debates visam compreender conflitos de forma crítica e podem ser formais, discussões em painel ou de forma Socrática ou um café filosófico. No debate formal o professor divide a turma em dois grupos, cada um representando um lado da questão. Os grupos apresentam argumentos, refutam os pontos do lado oposto e fazem declarações finais. Na discussão em painel é preciso formar um painel de alunos ou convidar especialistas para discutir um tema específico, seguido de uma sessão de perguntas e respostas com a classe. Na discussão socrática é preciso basear a discussão em perguntas abertas e estimulantes, incentivando os alunos a explorarem profundamente o tema e a desenvolverem seu pensamento crítico. No café filosófico o professor cria um ambiente informal onde os alunos possam discutir temas filosóficos e sociais de maneira aberta e colaborativa, promovendo um diálogo livre e respeitoso.

Desenvolver projetos e atividades que permitam aos estudantes aplicarem os conceitos políticos de Platão em contextos reais e simulações é uma abordagem pedagógica eficaz para promover um aprendizado ativo e engajado. Através dessas práticas, os alunos não apenas compreendem teorias abstratas, mas também aprendem a aplicá-las em situações práticas, desenvolvendo habilidades críticas e reflexivas.

Para Adriana Andreia Gomes Rodrigues aula como esses métodos

possibilita ao docente e ao/à aluno/a experiências coletivas de formação do pensamento histórico ao nível da importância da informação, da abordagem epistemológica e da empatia pelo passado. Assim, importa ressaltar que para a formação da consciência histórica, social e cidadã é fundamental considerar os métodos de ensino que melhor potenciam esse desenvolvimento e que colocam os/as próprios/as discentes no centro de todo o processo de ensino-aprendizagem (2023, p.60).

A simulação da República de Platão por exemplo pode ter a finalidade de entender a estrutura da sociedade ideal proposta por Platão, e professor poderá dividir a turma em diferentes classes sociais conforme a descrição de Platão (filósofos-reis, guerreiros e produtores). Os alunos podem desempenhar papéis específicos e tomar decisões sobre questões sociais e políticas. Esta atividade pode incluir debates sobre justiça, virtude e a divisão do trabalho, ajudando os alunos a compreenderem a teoria platônica da justiça e a importância de cada classe social na harmonia da sociedade.

A análise de políticas atuais dentro das perspectivas de Platão com a finalidade de aplicar conceitos filosóficos em contextos contemporâneos pode propor que os alunos analisem políticas públicas atuais usando os princípios políticos de Platão. Por exemplo, avaliar programas de educação, políticas de segurança pública ou sistemas de governo permitindo aos estudantes desenvolverem a capacidade de aplicar teorias filosóficas a situações reais, promovendo uma compreensão mais profunda e prática das ideias de Platão.

O projeto de pesquisa pode explorar temas específicos da filosofia política de Platão em profundidade. Os alunos podem realizar projetos de pesquisa sobre temas como a teoria das formas, o papel do mito na filosofia platônica, ou a relevância das ideias de Platão na política moderna. Os resultados podem ser apresentados em forma de ensaios, apresentações ou painéis de discussão. Essa atividade fomenta a pesquisa independente, a análise crítica e a síntese de informações complexas:

Neste seguimento, os docentes deverão possibilitar recursos diversificados, perspectivas heterogêneas, sínteses consensuais, tendo em consideração o contributo dos seus interlocutores, permitindo a consolidação de uma memória assumida e compreendida, como a fontes orais como entrevistas, recolha de conversas entre pessoas e testemunhos (Rodrigues, 2023, p.63).

A encenação de diálogos platônicos pode possibilitar a compreensão e a interpretação de textos filosóficos. Essa atividade pode ser seguida por uma discussão sobre o conteúdo e as ideias apresentadas, melhorando a compreensão dos textos, desenvolvendo habilidades de leitura e interpretação, além de tornar o aprendizado mais envolvente e dinâmico.

Essas atividades devem ser planejadas com antecedência para garantir que todos os recursos necessários estejam disponíveis e que os objetivos de aprendizado sejam claros. Também é importante integrar essas atividades no currículo existente, conectando-as a outras disciplinas e temas relevantes. Por exemplo, a análise de políticas atuais pode ser ligada a aulas de história ou ciências sociais. É fundamental utilizar métodos de avaliação contínua para monitorar o progresso dos alunos e fornecer feedback construtivo. Isso pode incluir autoavaliações, avaliações por pares e reflexões pós-atividade. O professor deve encorajar os alunos a participarem ativamente no planejamento e execução das atividades. Isso pode aumentar o engajamento e o senso de propriedade sobre o processo de aprendizado.

#### 4 INTEREVENÇÃO

Em sua obra *A República*, o autor filósofo Platão define sua teoria política, retratando como a *pólis* ateniense deveria ser organizada e a importância da educação na constituição do Estado ideal. O autor critica as estruturas políticas constituídas apresentando valores morais permanentes e uma estabilidade política que venham a transformar a polis numa cidade ideal, perfeita, que possibilitaria a promoção de uma vida justa e feliz.

A obra de Platão é segundo os estudiosos do pensamento filosófico a obra mais importante do filósofo que teve uma grande influência no pensamento filosófico da época e que perdura até hoje. Ele aborda todos os sistemas de governo da época, democracia, oligarquia aristocracia e a tirania, propondo análises físicas, morais e intelectuais dos cidadãos, para ele todos devem viver em busca do que ele chama de Estado Ideal, e faz críticas aos vícios da sociedade e dos governos.

A pesquisa teve como finalidade fazer uma intervenção no ambiente escolar a partir da Imagem da Caverna de Platão que está contida na obra *A República* do pensador, no livro VII, com os alunos do ensino médio. Com base nesta obra trazer uma compreensão da possibilidade de a partir do mito gerar uma reflexão dos alunos sobre a importância da política como instrumento de transformação sociopolítico e conscientização dos alunos e da importância deles em sua realidade vivencial e de sua comunidade. A política é sempre apresentada como algo nocivo impregnada de interesses pessoais na maioria das vezes escusos, todavia a política é essência para as relações sociais, para a manutenção do Estado, e dos direitos de todo cidadão, assim sendo, é necessário que os estudantes tenham essa compreensão do papel humanizador da política com todas as críticas que devem ser feitas e reflexões.

A imagem propõe uma reflexão necessária para olharmos a realidade desapaixonada, tentar olhar com objetividade a realidade, enquanto um grupo de pessoas continuam achando que as sombras são a realidade vivendo em um mundo paralelo, é impressionante perceber e constatar como essa imagem é atual, hodiernamente vemos um mundo mergulhado em “narrativas” que contrariam os fatos, contrariando o que os olhos e a razão atestam como sendo reais. Com o advento das redes sociais que tem uma grande importância para se contrapor a mídia hegemônica, contudo, como todo que existe pode ser usada para o mal e para o bem, causa espanto como as pessoas se dispõem a ser manipuladas, daí a necessidade de despertar nos estudantes para uma reflexão da realidade a sua volta, tendo como “óculos” a política e a Imagem da Caverna é uma ferramenta importantíssima para que isso possa ser feita.

## 4.1 PARTICIPANTES

O público-alvo do projeto são os alunos do ensino médio, do ensino básico, uma vez que estes estão no fechamento de mais um ciclo, existe uma necessidade de gerar nos alunos um despertar para a sua compreensão como ser pensante que terão que adotar uma postura crítica frente ao mundo e os desafios que terão que enfrentar.

O projeto de intervenção teve como alvo aplicar os conteúdos e a compreensão da “Imagem da Caverna” que foram vivenciados pelos alunos do 3º ano do ensino médio, do Colégio e Curso Coração de Maria, a turma é composta de aproximadamente 10 alunos sendo 4 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, a maioria dos alunos são oriundos do ensino fundamental II da própria instituição.

Com base no questionário que foi disponibilizado podemos ver quais eram as percepções iniciais dos alunos sobre o tema “Imagem da Caverna”, foram propostas 5 perguntas, sendo elas: 1. Você já ouviu falar na imagem da Caverna de Platão? Para você o que ela representa? 2. Qual é o significado da imagem da caverna na filosofia de Platão? 3. Como ela se relaciona com a realidade com o nosso dia a dia? 4. A imagem da caverna pode ser vista como uma metáfora poderosa para entender como as pessoas podem ser manipuladas através da informação que recebem? Justifique. 5. Assim como os prisioneiros na caverna veem apenas sombras escondidas na parede e acreditam que isso é a realidade, as pessoas podem ser influenciadas por narrativas e discursos que podem não refletir a verdade completa? De que forma?

## 4.2 OBJETIVOS

### 4.2.1 Objetivo geral

Nosso objetivo principal foi trabalhar a concepção de Política de Platão, mais especificamente o texto: Imagem da Caverna, com a finalidade de formar a consciência política do aluno e estimular a participação enquanto prática social transformadora.

### 4.2.2 Objetivos específicos

- ✓ Compreensão e contextualização da Imagem da Caverna como produção de conhecimento;

- ✓ Discutir o cenário político da atualidade e suas contradições e incertezas à luz da filosofia;
- ✓ Realização da intervenção didática em sala de aula, no Ensino Médio, a partir da Imagem da Caverna de Platão.

### 4.3 PROBLEMATIZAÇÃO

A questão norteadora que orienta e caracteriza o problema da nossa produção didática é o desinteresse e descompromisso do educando com as questões políticas e sociais que tem levado muitos adolescentes e jovens a uma decisão nem sempre consciente pela alienação, a falta de interesse pela leitura, pelo estudo e pela sua importância na participação na sociedade.

Consideramos aqui a política como toda atividade que as pessoas praticam com o objetivo de influenciar os acontecimentos, o pensamento e, sobretudo, as decisões da vida em sociedade, envolvendo uma tomada de decisão. A política não é algo apenas dos políticos e distante dos cidadãos, ela interessa a todos, faz parte do nosso dia a dia.

Entendemos como participação política o poder que o indivíduo possui para interferir e contribuir direta ou indiretamente nas decisões tomadas por nossos governantes. Em *A República*, Platão expõe sua concepção aristocrática da política, a política é o processo de formação, distribuição e exercício do poder. A política é a esfera de realização do bem comum. A justiça é o equilíbrio entre os três princípios sob a preponderância dos sábios e filósofos. Desde a formação das pólis o indivíduo não era concebido individualmente como uma unidade ou como algo partizado, partido, mas, apenas como um membro da cidade (pólis). Platão (2000) tinha a mesma visão. Somente como cidadão o indivíduo poderia participar das decisões políticas da cidade. E somente participando das decisões políticas da cidade ele teria uma razão de ser.

Para Platão a política não pode ser vista de forma desassociada do seu meio, O nexo, a ligação e o link íntimo entre filosofia e política não está presente apenas nos passos onde se fala do filósofo-rei ou do governante ideal. É algo que, de um modo ou de outro, atravessa toda a obra platônica questionando constantemente pela articulação entre justiça e poder na ótica da interrogação socrática. Platão apresenta três maneiras de governo: democracia, aristocracia e monarquia. Compreende que qualquer forma de governo aplicada ao determinado Estado, é mutável não podendo ser algo estático, pois o poder é por natureza dinâmico.

A política é provavelmente um dos temas mais relevantes das obras platônicas tendo

como base a Grécia Antiga, local onde se estabeleceu várias reflexões sobre a política, a relação dos homens com a cidade, a construção de uma ética relacional desde as proposições de seu mestre Sócrates.

Como é evidente ao longo da história, várias concepções sobre política foram construídas: no período socrático; medieval com Agostinho; com maquiavel; os conceitos relacionados aos filósofos contratualistas e suas concepções sobre o contrato social e as relações políticas e da ruptura dos poderes absolutos dos reis, o ressurgimento de um movimento de igualdade de um Estado mais justo e inclusivo. Todas estas concepções foram importantes para que aquilo foi discutido por Platão a partir de seus diálogos e suas reflexões pudessem ser relevantes para nós hoje.

De acordo com Chirouter, essa visão da escola como sendo o lugar de um estreitamento da compreensão gerando uma cultura de participação efetiva.

É a escola como um todo que deve ser um “oásis” de pensamento e não apenas o momento isolado do ateliê de filosofia. Esse espírito filosófico deve instalar no cotidiano a prática da turma. A filosofia deveria acompanhar e não coroar o ensino. A filosofia na escola primária pode ter não apenas o papel propedêutico para o ensino da filosofia mesma, mas pode servir de modelo para a escola como um todo: entre um acúmulo enciclopédico de uma cultura patrimonial que se tornou instrumento de reprodução social e a frieza seca e desencarnada das competências, das técnicas e das metodologias vazias de todo conteúdo, afirmamos aqui que a abordagem filosófica dos saberes e da cultura é uma mediação rica de sentido e de eficácia para reduzir a tensão imposta pela pós-modernidade (2020, p. 89).

Partindo de sua visão dualística da realidade, Platão compreende esta realidade como a possibilidade de sermos enganados pelos nossos sentidos, manipulados pelas nossas percepções. Na *Republica*, ele fundamenta suas argumentações.

Segundo Werner. Jaeger (cf. 2013, p. 3-20), o governante deve ter uma cultura especial, uma formação diferenciada, pois o acesso a ela dará a possibilidade de se desvencilhar destes enganos.

Ao pensarmos no processo de ensino-aprendizagem, o desafio é trazer para o ambiente escolar uma ação de reflexão constante, um espírito crítico e inquieto diante da realidade. Neste sentido, uma das obras que é de extrema relevância para a compreensão desse processo de iluminação de exercício da autonomia é a Imagem da Caverna onde este olhar sobre a libertação é presente.

Em relação aos estudantes, se faz necessário que estes possam ter um esclarecimento, esta emancipação, esta saída da caverna, esta libertação das correntes; deixar para traz o universo de sombras de ilusão, para serem conduzidos da saída da caverna para uma visão clara

do mundo fora da caverna.

Platão deixa claro que é preciso que haja uma passagem, uma transição, neste processo de conhecer. Ao olharmos para o cenário da educação e da aprendizagem, cada estudante deve ser percebido como sujeito desse processo.

Em seu livro *Paideia*, Werner Jaeger (cf. 1994) mostra que o próprio Platão explica a imagem, a caverna representa o mundo, o fogo o sol que ilumina, a subida para a saída da caverna era a iluminação, a elevação da alma para o mundo inteligível, e isto é alcançado no supremo bem, e através da justiça que deve ser acessível a todos.

Em um de seus diálogos, a personagem Sócrates traz alguns questionamentos sobre a motivação dos homens em querer o poder e mostra essa corrupção:

Sócrates — Devido a isso, os homens de bem não querem governar nem pelas riquezas nem pela honra; porque não querem ser considerados mercenários, exigindo abertamente o salário correspondente à sua função, nem ladrões, tirando dessa função lucros secretos; também não trabalham pela honra, porque não são ambiciosos. Portanto, é preciso que haja obrigação e castigo para que aceitem governar — é por isso que tomar o poder de livre vontade, sem que a necessidade a isso obrigue, pode ser considerado vergonha — e o maior castigo consiste em ser governado por alguém ainda pior do que nós, quando não queremos ser nós a governar; é com este receio que me parecem agir, quando governam, as pessoas honradas, e então assumem o poder não como um bem a ser usufruído, mas como uma tarefa necessária, que não podem confiar a outras melhores que elas nem a iguais. Se surgisse uma cidade de homens bons, é provável que nela se lutasse para fugir do poder, como agora se luta para obtê-lo, e tornar-se-ia evidente que, na verdade, o governante autêntico não deve visar ao seu próprio interesse, mas ao do governado; de modo que todo homem sensato preferiria ser obrigado por outro do que preocupar-se em obrigar outros. Portanto, de forma alguma concordo com Trasímaco, quando afirma que a justiça significa o interesse do mais forte. Mas voltaremos a este ponto mais tarde; dou uma importância muito maior ao que diz agora Trasímaco: que a vida do homem injusto é superior à do justo. Que partido tomas, Glauco? Qual destas asserções te parece mais verdadeira? (Platão, 2005, p. 347).

A partir da democracia grega uma nova percepção da política é estabelecida. A bem da verdade, esta democracia não era plena, apenas 30% da população participava, eram excluídos mulheres, jovens, escravos e cidadãos que não tinha posse da terra nem influência.

A maioria dos países da época era teocracias ou autocracias. Todavia, Platão não via com bons olhos a democracia, principalmente depois da condenação de seu mestre Sócrates. Assim, na sua obra *A República*, Platão faz críticas contundentes a democracia; para ele, um dos grandes problemas da democracia é quando existem homens corruptos participando do processo de eleição, pois uma vez eleito, estes homens farão maus governos.

Em contrapartida, ele defendia a monarquia que, para ele, é o domínio do melhor, uma

vez que este estivesse a frente do poder seria o melhor, não por ser onipotente, mas por ser o mais justo possível.

Platão divide o estado ideal em três partes: primeiro os comerciantes; segundo militares; e terceiro o rei filósofo. A primeira classe seria composta pelos camponeses, artesãos e comerciantes que deveriam ter acesso as riquezas moderadas. A segunda, os defensores do Estado que não seriam concedidos nenhuma posse de bens e riquezas; teriam o privilégio da moradia e a mesa comum. Caberia então ao rei-filósofo governar o país.

É importante notar como Platão coloca a educação como um item essencial para a *pólis*, a necessidade de todos serem instruídos, cada geração ter seus desafios.

É nesse sentido que com sideramos que os jovens estudantes hodiernos devem ter ~~tem~~ seus desafios. Daí a necessidade de compreender ao longo da história o papel que a Imagem da caverna tem para que cada um dos estudantes, seja do ensino médio ou do ensino fundamental II, possa ser esclarecido.

No Brasil, com a nova legislação em relação ao ensino, a filosofia tem passado por maus bocados pois há uma supressão gradativa da disciplina dentro do currículo. Em outras palavras, com o novo ensino médio, o ensino de filosofia ficou relegado a apenas o primeiro ano do ensino médio, não obstante ter sido retirado do ensino fundamental, agora do ensino médio, o ensino de filosofia ocorrerá apenas no primeiro ano. Isso pode levar, com o passar dos tempos, a uma dificuldade para o estudante em relação a sua criticidade e capacidade argumentativa, por isso, é importante que cada professor em sua área traga para a sala de aula e para vida um olhar questionador e reflexivo. Assim, é de suma importância que cada docente convide cada estudante a ter este olhar inquieto diante de sua caverna, de seu lugar de vivência.

Com base no olhar de Platão e Werner Jaeger sobre a Imagem da Caverna, os estudantes deveriam ser capazes de contextualizar esta imagem como um processo de produção de conhecimento, de despertar; a saída da caverna deve levar os alunos a um caminho de emancipação.

Para o estudante do Ensino Médio é exatamente este movimento que deve ser feito, a Imagem da Caverna deve ser entendida assim, com cada uma destas figuras colocadas por Platão como sendo partes constituintes dessa mudança; cada estudante deve se perceber como este homem que sai da caverna, que rompe com as ilusões geradas pelas sombras no fundo da caverna; que deve passar pelas dores geradas pela claridade fora da caverna.

Todo este processo de adaptação da visão, da maneira de ver e perceber a realidade, não como sombras, mas com a luz do dia que clareia a tudo. Os estudantes devem ter uma autocompreensão de seu papel em relação a uma educação emancipadora, libertadora que os

leve a ações concretas, principalmente em sua ação política.

Um dos desafios da modernidade é trazer aos estudantes o entendimento de que a política está presente em todas as áreas de sua vida, que ela não é algo distante deles, ou pertencente a um grupo específico de cidadãos. Os gregos tinham esta visão, por isso, a democracia grega era direta e não representativa como temos atualmente em quase todos os países do mundo.

Sócrates inaugura um olhar ético da política, rompendo com as explicações míticas do panteão grego. Posteriormente, as perspectivas dos filósofos que transitam na construção de uma política da presença do Estado, rompendo com a influência da Igreja, saindo do direito divino para a tripartição dos poderes, quebrando a unicidade do Estado, e da influência do poder religioso. Sendo assim, a política deve ser vista como algo não apenas essencial, mas acessível a todos. Cabe ao estudante a apropriação deste entendimento nesse percurso de saída da caverna, ou como disse Kant, atingindo a maioria, na direção desta emancipação.

Tendo a política como forma de interpretação da realidade, com base em todas estas percepções, Platão, a partir da construção de sua filosofia, estabelece uma grande gama de reflexões sobre as relações do homem com a cidade e está por sua vez é permeada por um olhar ético destas relações.

Com base em seu olhar sobre a obra platônica, Werner Jaeger (cf. 1994) estabelece um olhar sobre a importância de Platão para a filosofia política. Outro que terá uma influência muito grande de Platão é Agostinho pois referência sua filosofia na visão dualística platônica.

#### 4.4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INTERVENÇÃO

Este é um projeto de pesquisa que tem visa A Produção Didática Pedagógica que faz parte da intervenção, consiste na elaboração de uma Unidade Temática, desenvolvida a partir de um tema específico do conteúdo da Filosofia Política, aprofundada de forma teórica e metodológica para o público-alvo previamente definido na Implementação do Projeto de Intervenção na Escola, no caso, alunos do 3º ano do Ensino Médio do Colégio e Curso coração de Maria

A pesquisa aplicada foi teórica e prática, a pesquisa teórica é um tipo de investigação acadêmica que se concentra na revisão e análise crítica de teorias, conceitos, modelos ou frameworks existentes dentro de uma determinada área de estudo. Em contraste com pesquisas empíricas, que envolvem coleta de dados e análise estatística, uma pesquisa teórica é mais focada na síntese e interpretação da literatura existente e na formulação de novas perspectivas

teóricas. No ambiente acadêmico, diversas abordagens e definições de pesquisa teórica e prática podem ser encontradas, dependendo da disciplina e do campo de estudo. Um dos autores e abordagens que permitem definir esses conceitos: é Richard Swedberg, em seu livro *Teoria e Sociedade: a introdução crítica* (cf. 2005) onde discute a importância da teoria na pesquisa social e destaca como teoria e prática interação para produzir conhecimento significativo e relevante.

A metodologia, de natureza qualitativa para Ruth Wodak (cf. 1989) especialista em análise crítica do discurso, investiga como os dados qualitativos linguísticos podem revelar poder, identidade e relações sociais. inicia com a elaboração do referencial teórico a partir de leituras das obras de Platão (traduzidas para o português e/ou espanhol) e sobre a obra *A República*.

O material foi composto pela construção de uma unidade didática sobre o tema, com o texto clássico do filósofo Platão *A República* articulado à produção da pesquisa sobre o tema com as respectivas atividades a serem desenvolvidas em sala de aula.

Como resultado da investigação teórica do conteúdo Filosofia Política, especificamente a concepção política de Platão, através da utilização do texto clássico: Imagem da Caverna, foi produzido material didático que possibilitou uma releitura Da Imagem da Caverna a partir da realidade do aluno.

Na produção estão presentes os elementos constitutivos da Imagem da Caverna, relacionados com os elementos representativos da atualidade. Isto é, uma releitura da Imagem: O que seria hoje a caverna? As correntes? Os prisioneiros? A luz? O que significa se libertar da caverna? Comparação da teoria política de Platão com a sociedade atual, entre outros.

O que eles produziram foi disponibilizado e aplicado por eles nas turmas do ensino fundamental II, ou ainda poderão ser postadas em uma rede social, obedecendo aos requisitos impostos pelas leis, como: Contrato de Cessão Gratuita de Direitos Autorais, Termo de Cessão de Pessoa Física para Pessoa Física.

De acordo com o que foi realizado, existe uma crescente busca pelo aprofundamento dos campos da pesquisa e para que seja dirimidas as dificuldades da compreensão de alguns elementos que constituem o processo de investigação é necessário deixar evidente o que cada um destes termos significa que estão relacionados ao uso dos seguintes termos: estudo de caso e de campo, etnográfica, pesquisa qualitativa, quantitativa.

Para Bogdan e Biklen (cf. 1994) tem cinco aspectos basilares: 1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. 2. Os dados coletados são predominantemente descritivos. 3. A preocupação com

o processo é muito maior do que com o produto. 4. O "significado" que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. 5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

No que tange os métodos de coletas de dados um dos pontos iniciais é a observação. Segundo Ludke e André é preciso que esta observação seja feita a partir de processo de investigação científica:

Para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador. Planejar a observação significa determinar com antecedência 'o quê' e 'o como' observar (2018, p. 29-30 )

Ainda dentro do processo de observação é preciso que seja feita a delimitação do objeto de estudo, e devem ser observadas também o tempo que será utilizado o nível de participação do observador e a duração destas observações. Os autores destacam ainda que o observador deve estar e ser treinado para realizar estas observações e isto pode ser feito a partir de próprio local da coleta de dados. Segundo eles, na fase de planejamento, precisa preparar-se mentalmente para o trabalho, aprendendo a se concentrar durante a observação, o que exige um treinamento dos sentidos para se centrar nos aspectos relevantes (cf. Ludke; André, 2018, p. 48).

Ao tratar das abordagens qualitativas é destacado o lugar privilegiado que a pesquisa educacional ocupa nestas novas abordagens. Esta observação possibilita um contato mais pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que traz uma série de vantagens.

A experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de determinado fenômeno. "Ver para crer", diz o ditado popular (cf. Ludke; André, 2018, p. 48). Contudo, apesar de haver muitos pontos positivos neste processo de observação existem muitas críticas em relação ao método, segundo os autores, uma delas é a possibilidade de causar alteração no ambiente ou no comportamento das pessoas de acordo com os autores. Outra crítica esta relacionado ao aspecto subjetivo que parte da interpretação pessoal por parte do pesquisador, e ainda que o pesquisador possa distorcer a compreensão do fenômeno estudado por ter uma visão parcial da realidade.

Outro ponto destacado na obra é a forma de como estas informações são registradas, segundo Ludke e André:

Não há, evidentemente, regras para fazer as anotações, mas apenas sugestões

práticas, que podem ser úteis pelo menos ao pesquisador iniciante. As considerações principais nesse sentido referem-se a quando, como e onde fazer as anotações (2018, p. 55).

Existe uma regra geral, é que as anotações devem ser feitas mais próxima possível do período da observação para que não se perca dados ou conteúdos que estão mais ligadas as percepções do observador.

Os autores destacam que o tipo de material onde serão feitas as anotações também vai depender muito do estilo pessoal de cada observador. Pois, alguns podem preferir um papel de tamanho pequeno, para não chamar muito a atenção; outros se sentirão muito mais à vontade usando fichários ou folhas avulsas para facilitar o arquivamento e a posterior classificação (cf. Ludke; André, 2018, p. 56).

#### 4.5 RESULTADO DA INTERVENÇÃO

A partir das questões apresentadas e com base no questionário já apresentado, os alunos responderam às perguntas: 1. Você já ouviu falar na Imagem da Caverna de Platão? Para você o que ela representa? 2. Qual é o significado da imagem da caverna na filosofia de Platão? 3. Como ela se relaciona com a realidade com o nosso dia a dia? 4. A Imagem da caverna pode ser vista como uma metáfora poderosa para entender como as pessoas podem ser manipuladas através da informação que recebem? Justifique. 5. Assim como os prisioneiros na caverna veem apenas sombras escondidas na parede e acreditam que isso é a realidade, as pessoas podem ser influenciadas por narrativas e discursos que podem não refletir a verdade completa? De que forma?

Para a primeira pergunta: *Você já ouviu falar da Imagem da Caverna de Platão?* Noventa por cento (90%) dos alunos disseram que sim e que ela representava o mundo em que vivemos, e que há uma regressão e que atualmente vivemos como prisioneiros, e dez por cento (10%) que não. Os alunos **A, B, C e F** disseram que a imagem representa um pilar da filosofia sendo um tema fundamental que deve ser estudado para melhor compreensão do mundo e uma melhor interpretação. Os alunos **D, I e J** ainda disseram que a caverna era um simbolismo do mundo, as sombras projetadas em seu interior eram a prova de que os sentidos poderiam ser falseados, já as correntes representavam os preconceitos as opiniões que aprisionam os seres humanos que levavam a ignorância que era propiciada pelo senso comum.

A segunda pergunta: *Qual é o significado da imagem da caverna na filosofia de Platão?* Para noventa por cento (90%) disseram que o significado da imagem era que os homens

dentro da caverna viviam no mundo real, para eles o ambiente em que estavam era a realidade, e só pensam assim porque não conhecem outra realidade para além desta, e que isto é uma comparação ao mundo das aparências onde vivemos. Para o aluno **G** o significado é que a imagem é uma ilustração da ignorância humana e que pode ser superada pela razão humana usando a filosofia através da verdade daqueles que não queriam conhecer o que de fato era real. O “mito” simboliza a busca pela verdade segundo o aluno **E**, pois, para Platão a realidade é eterna e imutável, uma vez que a busca pela verdade deveria ser a principal razão e preocupação do filósofo.

Concernente a terceira pergunta: *Como ela se relaciona com a realidade do nosso dia a dia?* Para oitenta por cento (80%) dos alunos a escola pode ser usada como exemplo na busca pelo conhecimento e uma melhor compreensão do mundo. Para dez por cento (10%) dos alunos a relação com o dia a dia se dá em muitos casos onde as pessoas deixam de acreditar na realidade para ter credibilidade em falácias, formas de manipulação sem se valer do senso crítico, sem usar da lógica da argumentação de uma criticidade mais aguçada. Ainda segundo cinco por cento (10%) dos alunos as pessoas na atualidade estão mais difíceis de estabelecer vínculos e isso gera relacionamentos mais superficiais, menos duradouros e mais fugazes.

A quarta pergunta foi: *A imagem da caverna pode ser vista como uma metáfora poderosa para entender como as pessoas podem ser manipuladas através da informação que recebem?* Justifique. A resposta para esta pergunta para setenta por cento (60%) dos alunos é que Sim, A imagem pode ser usada como uma metáfora pois vivemos no mundo de aparências, onde as pessoas acreditam naquilo que se parece, e não no que realmente é. Isso é, o povo que enxerga apenas sombras e não buscam conhecimento. Para vinte e cinco (25%) por cento outros alunos os fatos devem ser vistos com um olhar crítico e de questionamento sobre as informações que recebemos, diminuir o espaço para que não haja afirmações sem fontes confiáveis destas informações, pois reflete nessa poderosa metáfora da visão de Platão. Já para quinze por cento (15%) alguns alunos as pessoas podem ser manipuladas por diversos motivos, por causa de uma relação amorosa, pelos próprios pais, e as vezes estas pessoas não estão preparadas ou bem psicologicamente para contradizer-se a estas manipulações.

Em relação a quinta pergunta: *Assim como os prisioneiros na caverna veem apenas sombras escondidas na parede e acreditam que isso é a realidade, as pessoas podem ser influenciadas por narrativas e discursos que podem não refletir a verdade completa? De que forma?* Cem por cento (100%) parte dos alunos responderam, sim segundo estes discursos políticos, podem ser usados como uma forma de influenciar as narrativas e discursos, estes discursos apresentam ideias e projetos que cativam o povo promovendo manipulação. Ainda

sobre a mesma pergunta o aluno **J** respondeu sim, “pois com discursos eloquentes, promessas de fé, dinheiro, e tudo que envolva poder se torna perigoso nas mãos de manipuladores que podem controlar seguidores ou não seguidores para benefício próprio ou para uma realidade ilusória”. Para o aluno **B** a resposta também foi sim, “as pessoas podem ser influenciadas, as vezes por viver em grupos fechados dentro de bolhas relacionais, tipo grupo de amigos por afinidades”.

Com base nas informações retiradas das respostas podemos ver que os alunos buscaram fundamentar suas respostas a partir de sua própria vivência deixando claro que a filosofia a ética e a política devem ser vividas como algo prático, fluído e presente no cotidiano destes alunos, podemos depreender também que as respostas apresentadas deixam evidente a relevância da obra de Platão não apenas para o ambiente acadêmico, mas para as relações humanas que será sempre perpassada pelas relações políticas que estes alunos tem com a família, o bairro, a comunidade e a cidade.

As respostas também deixam claro que os alunos fazem uma leitura de sua realidade e evidenciam uma compreensão política de sua participação social, alguns falaram sobre a manipulação ideológica que muitos percebem a partir da política e da religião. Fica evidente também nos dados coletados que no ensino médio 90% dos alunos tiveram contato com textos, vídeos, conteúdos e aulas sobre Platão e sobre a Imagem da Caverna, muitos evidenciaram a importância de estudar estas questões da Polis, da cidade, e relevância da obra platônica.

Nas respostas sobre o significado dos elementos que compõem a imagem da caverna eles afirmaram que era uma ilustração da ignorância humana e que pode ser superada pela razão humana, e de que forma isso poderia ser feito? Usando a filosofia através da verdade daqueles que não queriam conhecer o que de fato era real, dessa forma, mostrando que eles têm uma dimensão muito clara sobre abrangência de uma compreensão clara e da superação desta ignorância, ainda segundo estes alunos para Platão a realidade é eterna e imutável, nesse sentido, podendo ser algo alcançável, uma vez que a busca pela verdade deveria ser a principal razão e preocupação do filósofo.

Nas respostas sobre relação da Obra de Platão e especificamente A Imagem da Caverna e seus desdobramentos como ela se relaciona com a realidade e o cotidiano do aluno. De forma majoritária a escola deve ser usada como exemplo nesta busca pelo conhecimento para que seja gerada uma melhor compreensão de seu ambiente social econômico e político. Fica evidente também nas respostas dos alunos que essa relação do dia a dia se dá em muitas situações onde as pessoas deixam de acreditar na realidade para acreditarem em falácias, como se estivessem ainda dentro da caverna, observando apenas sombras e ilusões, são enganados por outras formas

de manipulação sem se valer do senso crítico, sem o uso da razão ou de uma criticidade mais aguçada. Nas respostas estes alunos aludem de forma predominante que as pessoas na atualidade estão mais difíceis de saírem de suas bolhas relacionais e por isso se tornam mais suscetíveis estabelecer vínculos mais superficiais, menos duradouros e mais fugazes e mais desconectados da sua própria realidade, como se visse a realidade através de sombras projetadas no fundo da caverna.

Outra pergunta foi sobre a possibilidade de olhar para esta Imagem da Caverna, e vê-la como uma metáfora para a compreensão de como as pessoas são manipuladas através da informação que recebem. Para todos eles a imagem pode ser usada como uma metáfora pois vivemos no mundo de aparências, de ilusão, onde as pessoas acreditam naquilo que se parece, e não no que realmente é, as pessoas enxergam apenas sombras e se contentam em não buscar um conhecimento mais adensado, mais profundo. Segundo eles fatos devem ser vistos com um olhar crítico e de questionamento sobre as informações que recebemos, diminuir o espaço para que não haja afirmações sem fontes, conhecimento fundamentado apenas em achismos ou em falácias, é preciso buscar fontes confiáveis destas informações. Ainda segundo as respostas para aproximadamente sessenta por cento (60%) dos alunos as pessoas podem ser manipuladas sim por diversos motivos, por causa de uma relação amorosa a paixão cega, pelos próprios pais, e as vezes estas pessoas não estão preparadas ou bem psicologicamente para se contrapor a estas manipulações. Assim sendo os alunos trazem em suas respostas uma compreensão muito clara sobre a necessidade de um olhar mais crítico sobre a realidade e nesse sentido a Imagem da Caverna de Platão é um elemento muito importante para que este filtro seja usado, e não se tornar presa fácil para a manipulação.

Conforme pode ser notado as respostas dos alunos evidenciam uma leitura política e social muito importante. Na última pergunta do questionário eles responderam de forma majoritária que as pessoas podem ter sua realidade influenciada por discursos que podem encobrir a realidade. Segundo as respostas estes discursos políticos, podem ser usados como uma forma de influenciar as narrativas, estes discursos apresentam ideias e projetos que cativam o povo promovendo manipulação com discursos eloquentes, promessas de fé, dinheiro, e tudo que envolva poder se torna perigoso nas mãos de manipuladores que podem controlar seguidores ou não seguidores para benefício próprio ou para uma realidade ilusória. Outros alunos a responderam que sim, as pessoas podem ser influenciadas, as vezes por viver em grupos fechados dentro de bolhas relacionais, tipo grupo de amigos por afinidades. Como já evidenciado os alunos demonstram uma consciência muito clara sobre sua compreensão da realidade e a possibilidade de manipulação, segundo os alunos esta é uma realidade presente

nas relações sociais, por isso, é necessária uma participação política engajada, responsável e emancipadora.

## 5 CONCLUSÃO

A pesquisa desenvolvida nesta dissertação permitiu uma reflexão aprofundada sobre o uso da Imagem da Caverna de Platão como um recurso pedagógico capaz de contribuir para a conscientização política e filosófica dos estudantes do Ensino Médio. A partir da análise dos elementos simbólicos dessa narrativa platônica, foi possível compreender como a alegoria expressa a necessidade de superar a ignorância e buscar um conhecimento mais elevado, uma jornada que pode ser aplicada ao contexto educacional atual.

A abordagem da caverna como metáfora da educação evidencia o papel fundamental do pensamento crítico no processo de ensino-aprendizagem. O estudo demonstrou que, ao utilizar essa imagem como ferramenta didática, é possível estimular a autonomia intelectual dos estudantes, incentivando-os a questionar suas próprias crenças e a refletir sobre a realidade social e política em que estão inseridos. Nesse sentido, a relação entre educação e cidadania, proposta por Platão, se mostra ainda mais relevante na contemporaneidade, uma vez que a sociedade enfrenta desafios relacionados à desinformação, manipulação midiática e falta de engajamento político.

Os resultados da pesquisa indicam que a aplicação dessa narrativa no ensino de Filosofia pode promover uma educação mais crítica e reflexiva, ajudando os alunos a reconhecerem as estruturas de poder que moldam suas percepções e a assumirem uma postura mais ativa na busca pela verdade e pela justiça social. Além disso, ao conectar os conceitos filosóficos à realidade vivida pelos estudantes, a metodologia contribui para tornar o aprendizado mais dinâmico e significativo, reforçando a importância da formação ética e cidadã.

Dessa forma, conclui-se que a Imagem da Caverna de Platão pode ser um poderoso instrumento para incentivar os estudantes a saírem da “escuridão” da alienação e se tornarem agentes de transformação na sociedade. Ao integrar essa abordagem ao currículo escolar, os professores desempenham um papel essencial na formação de cidadãos críticos e conscientes, capacitados para compreender e atuar na complexidade do mundo contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994
- CHIROUTER, Edwige. **Da Filosofia Na Escola A Uma Escola Filosófica**: devolver os sabores aos saberes para lutar contra as desigualdades escolares. REVISTA ESTUDOS DE FILOSOFIA E ENSINO v.2, n.2, jul./dez., 2020.
- COSTA, Ademir. **Estado e educação em Platão**. 2024. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/estado-educacao-platao.htm/>. Acesso em junho de 2024.
- CRESPO, Beatriz. **A escola como alicerce da cidadania ativa**. 2020. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/34194>. Acesso em junho de 2024.
- DASSIE, Aline Moreno. **A utilização da metodologia ativa Problem Based Learning e do Podcast na aprendizagem do componente curricular filosofia no ensino médio**. Presidente Prudente: Universidade do Oeste Paulista, 2022. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Disponível em: <http://btd.unoeste.br:8080/tede/handle/jspui/1438>. Acesso em junho de 2024.
- FERRANDIN, Jairo. A filosofia como caminho de libertação: uma leitura fenomenológica da Alegoria da Caverna de Platão. *In*: HOLANDA, Adriano Furtado (org) **Fenomenologia, humanidades e ciências**, v. 21 n.1, 2020. 204 p. Disponível em: <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/issue/view/1>. Acesso em março de 2024.
- FORLINI, Danilo Basile. **Construindo caminhos para a educação política**: a percepção dos alunos como um meio para pensar a educação para a democracia. 2015. Disponível em: [https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao\\_escolar/3748.pdf](https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/3748.pdf). Acesso em junho de 2024.
- GONÇALVES, Wilsony; BIRKNER, Walter Marcos Knaesel. **As sombras do Estado Moderno**. 2015. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/3971>. Acesso em março de 2024.
- JAEGER, Werner. Introdução: O lugar dos Gregos na história da educação. *In*: JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 3-20.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2018.
- MANHÃES, Lyvia da Silva. **O mito como expressão simbólica do pensamento**: uma análise de “O Mito da Caverna”, de Platão. 2023. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/19720/1/LSManhaes.pdf>. Acesso em março de 2024.
- MELLO, Andrei Simão de. **Platão**: ética, política e educação. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9051/1/2011\\_AndreiSimaodeMello.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9051/1/2011_AndreiSimaodeMello.pdf). Acesso em junho de 2024.
- MENEZES, Francisco Hugo P. *et al.* **Uma análise sobre a importância da educação política no Ensino Básico Brasileiro para a formação cidadã dos indivíduos**. 2014. Disponível em: [http://www.faculdade.flucianofeijao.com.br/site\\_novo/anais/servico/2014/Direito/UMA\\_ANALISE\\_SOBRE\\_A\\_IMPORTANCIA\\_DA\\_EDUCACAO\\_POLITICA.pdf](http://www.faculdade.flucianofeijao.com.br/site_novo/anais/servico/2014/Direito/UMA_ANALISE_SOBRE_A_IMPORTANCIA_DA_EDUCACAO_POLITICA.pdf). Acesso em junho de 2024.
- MIRANDA, Joaquina Ianca dos Santos *et al.* **Alegoria à educação**: uma aplicação da metodologia de análise do autor Joaquim Severino na obra a república, de Platão. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/11692>. Acesso em março de 2024.

- MORAES, Cynara Brito Mariz de. **Aqui se fala de política**. 2015. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14443/1/2015\\_CynaraBritoMarizdeMoraes\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14443/1/2015_CynaraBritoMarizdeMoraes_tcc.pdf). Acesso em junho de 2024.
- NUNES, Nayara Cristina Pereira. **Breves considerações sobre o Mito da Caverna, de Platão**. 2016. Disponível em: <http://www.editorappgfilufrrj.org/enunciacao/index.php/revista/article/view/13>. Acesso em março de 2024.
- OLIVEIRA, Valdinei Soares de. **A formação do cidadão ideal na República De Platão**. 2018. Disponível em: [https://www.cep.pr.gov.br/sites/cep/arquivos\\_restritos/files/documento/2020-01/a\\_formacao\\_do\\_cidadao\\_ideal\\_na\\_republica\\_de\\_platao.pdf](https://www.cep.pr.gov.br/sites/cep/arquivos_restritos/files/documento/2020-01/a_formacao_do_cidadao_ideal_na_republica_de_platao.pdf). Acesso em junho de 2024.
- PAGNI, Pedro Angelo. **A filosofia da educação platônica: o desejo de sabedoria e a paideia justa**. 2024. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/126/3/01d07t01.pdf>. Acesso em junho de 2024.
- PLATÃO. **A República**. 9. ed. Tradução de Maria Helena Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- PLATÃO, **A República**. Traduzido por Edson Bini, Editora Edipro, 2020, ISBN 8552100479, 9788552100478. 496 páginas
- PORFÍRIO, Francisco. **Mito da Caverna**. 2024. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/mito-caverna-platao.htm/>. Acesso em junho de 2024.
- PRADO, Ediano Dionísio do. **Platão e o governo dos sábios: conhecimento e política na conformação da sociedade ideal**. 2019. Disponível em: <https://rfs.emnuvens.com.br/rfs/article/view/78>. Acesso em junho de 2024.
- RIBEIRO, Matheus Barbosa. **Educação e política em Platão: reflexões a partir do livro VII d' A República**. 2019. Disponível em: <http://bdt.unifal-mg.edu.br:8080/handle/tede/1485>. Acesso em março de 2024.
- RODRIGUES, Adriana Andreia Gomes. **A importância da consciência histórica na formação da consciência social e política em alunos/as do 2.º Ciclo do Ensino Básico**. 2023. Disponível em: [https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/7985/1/RFE%20Submiss%c3%a3o%20final\\_compressed.pdf](https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/7985/1/RFE%20Submiss%c3%a3o%20final_compressed.pdf). Acesso em junho de 2024.
- SWEDBERG, Richard. **Teoria e sociedade: A introdução crítica**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.
- VIANA, Maria Cinthia Marques de; LOUREIRO, Maria Dulcinea da Silva. **A filosofia na visão dos jovens do Ensino Médio: uma discussão sobre a Alegoria Da Caverna De Platão**. 2018. Disponível em: [http://siseventos.urca.br/assets/pdf/sub\\_trabalhos/41-318-a-filosofia-na-visao-dos-jovens-do-ensino-medio-uma-discussao-sobre-a-alegoria-da-caverna-de-platao.pdf](http://siseventos.urca.br/assets/pdf/sub_trabalhos/41-318-a-filosofia-na-visao-dos-jovens-do-ensino-medio-uma-discussao-sobre-a-alegoria-da-caverna-de-platao.pdf). Acesso em março de 2024.
- WILLIGES, Flavio. **Platão e Iris Murdoch: o bem, o amor e a retomada da ética das virtudes antiga na filosofia moral britânica**. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/archai/a/WtS6cjtLXHYPdks8vRs4XPH/?lang=pt#>. Acesso em junho de 2024.
- WODAK, Ruth. **Linguagem, poder e ideologia: Estudos sobre discurso político (Série em Teoria Crítica, volume 7)**. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins, 1989.